



COLEÇÃO Equidade e saúde nos sistemas alimentares

AS FACES DA DESIGUALDADE

RAÇA, SEXO E ALIMENTAÇÃO NO BRASIL
(2017-2023)





COLEÇÃO *Equidade e saúde nos sistemas alimentares*

AS FACES DA DESIGUALDADE

RAÇA, SEXO E ALIMENTAÇÃO NO BRASIL
(2017-2023)



Brasília, 2025

As faces da desigualdade: raça, sexo e alimentação no Brasil (2017-2023) é uma iniciativa da FIAN Brasil com apoio e financiamento de Global Health Advocacy Incubator (GHA), Instituto Ibirapitanga, Brot für die Welt (Pão para o Mundo – PPM) e Misereor/KZE.

FORMULAÇÃO, REALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Execução

Veruska Prado Alexandre-Weiss

Rute Ramos da Silva Costa

Arthur Welle

Acompanhamento

Luana de Lima Cunha

Débora Evellyn Olímpio

Mariana Santarelli (até mar. 2025)

Páginas complementares

Pedro Biondi

Débora Evellyn Olímpio

Contribuições

Máira Miranda

Paula Gabriela Chianca

Guadalupe Sátiro

Projeto gráfico

Guto Palermo

Ilustração de capa e diagramação

Coletivo Piu

Produção editorial

Pedro Biondi



FIAN Brasil Gestão 2024-2028

Conselho Diretor

Diretora presidenta: Mariza Rios

Diretora vice-presidenta: Norma Sueli Alberto

Diretor financeiro: Lucas Prates

Diretora de Articulação: Míriam Villamil Balestro Floriano

Diretor de Formação: Irio Luiz Conti

Conselho Fiscal

Titulares: Jorge Alfredo Gimenez Peralta e Célia Varela Bezerra

Suplente: Sonia Lucia Lucena Sousa de Andrade

Coordenação

Pedro Vasconcelos (secretário-geral)

Adelar Cupsinski (assessor de Direitos Humanos)

Luana de Lima Cunha (assessora de Políticas Públicas)

Secretaria Executiva

Assessora de Alimentação Escolar: Débora Evellyn Olímpio

Assessores de Comunicação: Giullia Venus, Pedro Biondi e Yuri Simeon

Assessora de Direitos Humanos: Paula Gabriela Chianca

Assessor de Incidência Política: Máira Miranda

Assessora de Sistemas Alimentares: Guadalupe Sátiro

Gerente administrativo-financeira: Josiane Antunes

Assessora contábil: Mary Gomes

FIAN Brasil – Organização pelo Direito Humano à Alimentação e à Nutrição Adequadas

Endereço: SCLN 413, Bloco A, Salas 219/220, Asa Norte, Brasília– DF.

Telefone: (61) 3224-0454

E-mail: fian@fianbrasil.org.br

Site: fianbrasil.org.br

COMO CITAR E REFERENCIAR ESTA PUBLICAÇÃO?

SUGESTÃO (PADRÃO ABNT):

Citação:

(Alexandre-Weiss; Costa; Welle, 2025)

Referência:

ALEXANDRE-WEISS, Veruska Prado; COSTA, Rute Ramos da Silva; WELLE, Arthur. **As faces da desigualdade: raça, sexo e alimentação no Brasil (2017-2023)**. Brasília: FIAN Brasil, 2025. Disponível em: <https://fianbrasil.org.br/publicacao/as-faces-da-desigualdade-raca-sexo-e-alimentacao-no-brasil-2017-2023/>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alexandre-Weiss, Veruska Prado
As faces da desigualdade [livro eletrônico] :
raça, sexo e alimentação no Brasil (2017-2023) /
Veruska Prado Alexandre-Weiss, Rute Ramos da Silva
Costa, Arthur Welle ; colaboradores Luana de Lima
Cunha... [et. al.]. -- 1. ed. -- Brasília, DF : FIAN
Brasil, 2025.
PDF

Outros colaboradores: Débora Evellyn Olímpio,
Mariana Santarelli, Pedro Biondi, Máira Miranda,
Paula Gabriela Chianca, Guadalupe Sátiro
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-88708-57-6

1. Alimentação 2. Desigualdade social 3. Fome -
Brasil 4. Gêneros - Estudos 5. Políticas públicas
6. Raça I. Costa, Rute Ramos da Silva. II. Welle,
Arthur. III. Cunha, Luana de Lima. IV. Olímpio,
Débora Evellyn. V. Santarelli, Mariana. VI. Biondi,
Pedro. VII. Miranda, Máira. VIII. Chianca, Paula
Gabriela. IX. Sátiro, Guadalupe. X. Título.

25-319755.1

CDD-362.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Desigualdades sociais : Problemas sociais 362.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

APRESENTAÇÃO

A FIAN Brasil tem como missão contribuir para um mundo livre da fome, que garanta a realização do **direito humano à alimentação e à nutrição adequadas (Dhana)** a todas as pessoas. Com grande alegria, celebramos em 2025 a saída, novamente, do Brasil do Mapa da Fome, resultado de uma construção coletiva, de uma sociedade civil organizada e ativa e da retomada de políticas públicas de segurança alimentar e nutricional (SAN), associadas a uma política econômica que gera renda e valoriza a centralidade do tema.

Porém, ainda há muito a avançar. Durante a calamidade da Covid-19, num período marcado por um apagão de dados e informações, vivenciamos um forte retrocesso em áreas fundamentais para a garantia do Dhana no Brasil. Na contramão da tendência mundial, o governante e sua equipe mantiveram e até acentuaram o contexto de austeridade fiscal, de redução e descontinuidade de programas sociais, e de retirada de direitos trabalhistas e previdenciários.

Em 2021-2022, a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), por meio do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (2º VIGISAN), teve um papel fundamental ao evidenciar que a fome tem cor, gênero e CEP: são as mulheres negras, especialmente das regiões Norte e Nordeste, as mais afetadas pela insegurança alimentar grave, a fome.

Em 2023, nosso estudo **Prato do dia: desigualdades. Raça, gênero e classe social nos sistemas alimentares** analisou o cenário da segurança alimentar (SA) e da insegurança alimentar (IA) pelas lentes nominadas no título. A opção foi por ilustrar a situação anterior à chegada do coronavírus Sars-CoV-2, debruçando-se sobre os dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) 2017-2018. Ao constatar as diferenças nos indicadores entre homens e mulheres e entre pessoas brancas e negras, percebemos o quanto raça e gênero são marcadores que estruturam as condições de IA/SA no país.

O outro eixo do livro, que pôs em perspectiva o discurso de diversos segmentos da sociedade, evidenciou como as narrativas frequentemente ignoram ou escamoteiam os efeitos das iniquidades na vida de brasileiras e brasileiros.

A partir da importância de construir memória e de não esquecer os aprendizados positivos ou negativos do passado, apresentamos agora uma análise comparativa entre os índices de IA/SA dos anos de 2017-2018 a 2023, com recorte por raça e sexo. Os dados são prévios à divulgação do relatório *O estado da segurança alimentar e nutricional no mundo em 2025 (Sofi 2025)* pela Organização das Nações Unidas (ONU), no qual o Brasil viria a figurar novamente fora do Mapa da Fome.

O *design* do estudo foi conduzido em diálogo com a FIAN. A análise dos dados e a escrita do relatório foram conduzidas por Rute Costa e Veruska Prado. Arthur Welle contribuiu com as análises estatísticas e a metodologia da pesquisa.

Cabe destacar que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), utilizada como fonte principal aqui, oferece um retrato da percepção quanto ao acesso aos alimentos, mas não detalha a qualidade dos alimentos consumidos, aspecto essencial para compreender a atual síndrome global de obesidade, desnutrição e mudanças climáticas, marcada pela coexistência da fome, da má nutrição e do consumo excessivo de alimentos ultraprocessados.

Além de captar a tendência de melhora geral que logo adiante levaria o Brasil a sair do vergonhoso mapa, os números examinados trazem um resultado no que diz respeito às desigualdades: a redução, de 2021 a 2023, em 5,1 pontos percentuais, da distância da condição de SA entre os domicílios chefiados por mulheres negras – o segmento mais exposto à vulnerabilidade nesse e noutros indicadores – e aqueles que têm um homem branco à frente.

Por outro lado, a existência de “linhas invisíveis”, virtualmente intransponíveis, é constatada na repetição da ordem mulheres negras -> homens negros -> mulheres brancas -> homens brancos nos mais diversos recortes (faixa etária, natureza da ocupação, região etc.). Reflexo da gradação que nossa sociedade atribui aos indivíduos por meio do racismo e do machismo.¹

Sintomática também é a queda mais acentuada – na mesma ordem – da SA nos lares nos anos do desmonte, nos governos Temer e Bolsonaro. Uma evidência de que políticas sociais importantíssimas não estão sendo suficientes para proteger os segmentos historicamente marginalizados da vida digna que nossa Constituição Federal prevê.

Precisamos trazer ao centro do debate as pessoas e grupos que ainda convivem com a insegurança alimentar e nutricional e outras formas de privação para que sejam ouvidas e incluídas nas decisões e soluções necessárias. Temos que dar nome e combater as tecnologias de opressão social para efetivar mudanças estruturais que nos levem a uma sociedade justa de verdade.

1 Raça e sexo, e sua intersecção, mantiveram-se como determinantes de IA/SA na Pnad Contínua divulgada em outubro de 2025, após o fechamento deste estudo. Ela registrou o índice mais baixo de IA moderada e grave da série histórica, iniciada em 2004. Ver: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44728-mais-de-dois-milhoes-de-lares-saem-da-inseguranca-alimentar-em-2024>

SUMÁRIO

Síntese dos resultados	9
Siglas e abreviações	12
Lista de quadros, tabelas, figuras e apêndices	13
Por que olhar os dados da segurança alimentar e nutricional pela ótica de raça e sexo	18
Sobre a análise dos dados	19
1. Um panorama histórico sobre os dados da segurança/ insegurança alimentar no Brasil	25
2. Segurança/insegurança alimentar por sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio	31
DADOS GERAIS	31
ANÁLISE POR MACRORREGIÃO	38
ANÁLISE POR LOCALIZAÇÃO DO DOMICÍLIO	41
ANÁLISE POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO/FORÇA DE TRABALHO DA PESSOA RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO	42
ANÁLISE POR SITUAÇÃO DE TRABALHO DA PESSOA RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO	46
ANÁLISE POR RENDA DOMICILIAR MENSAL <i>PER CAPITA</i>	51
3. Segurança/insegurança alimentar por sexo, raça autodeclarada e faixa etária dos moradores dos domicílios	56
Considerações finais	64
Referências	65
Apêndices	67

SÍNTESE DOS RESULTADOS

Melhora geral no acesso aos alimentos

- Em 2023, 72,4% dos domicílios brasileiros estavam em situação de segurança alimentar (SA), superando o percentual encontrado no período pré-pandemia (POF 2017-2018, em que a SA era uma realidade para 63,3% dos domicílios brasileiros). Também no que se refere à insegurança alimentar (IA), os resultados da Pnad Contínua (2023) são extremamente positivos, com as prevalências das formas mais severas de IA menores (IA moderada) ou praticamente iguais (IA grave) aos dados da POF 2017-2018 (figuras 1 e 2).
- A pandemia de coronavírus (Covid-19) e as escolhas políticas do governo federal à época provocaram a redução da SA e um forte aumento da IA, principalmente da fome (IA grave). Entre 2018 e 2021, houve uma queda de 34,8% nos domicílios em situação de SA e um aumento de 237% na frequência de lares em IA grave. Entre 2021 (2º VIGISAN) e 2023, políticas públicas e o contexto pós-pandemia podem explicar uma recuperação desse cenário. Na comparação dos dados do período, foi observado um aumento de 75,3% na frequência da SA nos domicílios e uma redução significativa da IA, com destaque para a redução de 56,6% e 67,7% na prevalência da IA moderada e grave, respectivamente (figura 3).

Racismo foi (é) um determinante para piores resultados de SA (e, portanto, maior frequência de IA) do que as barreiras associadas ao sexo

- A análise interseccional revela que a raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio é o fator que esteve associado de forma frequente, em todas as análises, à desigualdade alimentar no Brasil. Destaque deve ser também dado ao fato de que o racismo se mostrou, nas análises realizadas, um determinante para piores resultados de SA (e, portanto, maior frequência de IA) do que as barreiras associadas ao sexo da pessoa.
- Entre domicílios chefiados por pessoas autodeclaradas brancas, cerca de 8 em cada 10 encontravam-se em SA. Entre os lares chefiados por mulheres autodeclaradas negras, esse número caiu para cerca de 6 em cada

10. A SA chega a ser 22,8 pontos percentuais (p.p.) menor nestes últimos domicílios (figura 4).

- Independentemente da posição ocupada no trabalho, domicílios chefiados por pessoas autodeclaradas negras apresentam maiores frequências de IA do que aqueles chefiados por pessoas brancas (apêndice 5, figura B).
- A frequência de SA nos domicílios chefiados por homens autodeclarados negros com trabalho formal é apenas um pouco maior do que a encontrada para lares chefiados por mulheres brancas em situação de trabalho informal (figura 11).
- Mesmo diante de uma inserção no mercado de trabalho associada a segurança social, domicílios chefiados por homens negros apresentam frequência de SA muito semelhante à encontrada para lares chefiados por pessoas autodeclaradas brancas em situação de trabalho informal (figura 13).
- As pessoas autodeclaradas negras são maioria nos décimos de rendimento mais baixos (tabela 5). Já a presença de homens autodeclarados brancos, pequena nos décimos mais baixos de rendimento, aumenta gradualmente até ser mais expressiva entre os 10% mais ricos. Neste décimo, os homens brancos dominam, seguidos de mulheres brancas, enquanto a presença de pessoas autodeclaradas negras (especialmente mulheres) é mínima. A interseccionalidade de raça e gênero revela que mulheres negras estão quase ausentes nos estratos mais altos de rendimento (figura 19).

Ser mulher e negra significou maior convivência com as desigualdades e injustiças alimentares

- Os lares com maiores prevalências de IA: domicílios chefiados por mulheres negras (38,5%), seguidos daqueles chefiados por homens negros (28,9%), por mulheres brancas (22,2%) e, por fim, aparecem os domicílios chefiados por homens brancos (15,7%) (figura 5).
- Domicílios chefiados por mulheres autodeclaradas negras também apresentaram piores cenários de IA em todas as regiões do país, mas de forma mais grave nas regiões Norte e Nordeste. Nestas quase metade dos lares chefiados por mulheres autodeclaradas negras vivenciavam algum grau de IA (46,3% e 45,7%, respectivamente) (tabela 1, tabela 2).

- A frequência da IA grave – ou seja da fome –, entre lares chefiados por mulheres negras em situação de trabalho formal é a mesma encontrada para domicílios chefiados por homens brancos em situação de trabalho informal (figura 11).
- Entre 2021 e 2023, o maior crescimento da prevalência da SA, em termos absolutos e relativos, deu-se nos lares chefiados por mulheres negras. Entretanto, havia sido também entre eles a maior queda no período anterior, em que o acúmulo de anos de austeridade fiscal e as reformas de retirada de direitos se somaram aos impactos do alastramento do coronavírus Sars-CoV-2.

Desigualdades regionais e urbanas/rurais

- Sul, Sudeste e Centro-Oeste apresentam melhores índices de SA, especialmente entre lares chefiados por pessoas brancas (tabela 1, tabela 2).
- Norte e Nordeste concentram os piores indicadores, sobretudo entre domicílios chefiados por negros e, em particular, mulheres negras (tabela 1, tabela 2).
- A insegurança alimentar é mais frequente na zona rural do que na urbana, reforçando a necessidade de políticas específicas para o campo (figura 6 e 7).

Inserção no mercado de trabalho e tipo de ocupação

- A inserção no mercado de trabalho formal e o tipo de ocupação influenciam fortemente a situação alimentar dos domicílios (figura 9).
- No entanto, também entre o grupo dos domicílios chefiados por indivíduos que informaram ser “empregadores”, observamos diferenças segundo raça. Os lares chefiados por pessoas autodeclaradas brancas apresentaram frequências de SA um pouco maiores do que aqueles chefiados por pessoas negras. Uma lista de maior para menor frequência de SA entre este grupo pode ser assim sintetizada: domicílios chefiados por mulheres brancas (95,2%), homens brancos (93,8%), mulheres negras (89,4%) e homens negros (89%) (figura 9).

SIGLAS E ABREVIações

AAS	Alimentação adequada e saudável
Consea	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
DHAA	Direito humano à alimentação adequada
Dhana	Direito humano à alimentação e à nutrição adequadas
Ebia	Escala Brasileira de Medida Domiciliar de Insegurança Alimentar (também conhecida como Escala Brasileira de Insegurança Alimentar)
IA	Insegurança alimentar
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Pnad Contínua	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
POF	Pesquisa de Orçamento Familiar
SA	Segurança alimentar
SAN	Segurança alimentar e nutricional
Rede Penssan	Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional
1º e 2º VIGISAN	1º e 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil

LISTA DE QUADROS, TABELAS, FIGURAS E APÊNDICES

QUADRO

Quadro 1. Descrição das variáveis adotadas para as análises deste relatório.

TABELAS

Tabela 1. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA), insegurança alimentar Leve (IA leve) e IA severa (somatório da IA moderada e grave), segundo macrorregiões, sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Tabela 2. Percentual (%) de domicílios em situação de insegurança alimentar (IA) por sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável e macrorregião. Brasil, 2023.

Tabela 3. Percentual (%) de pessoas em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2023.

Tabela 4. Percentual (%) de pessoas em situação de insegurança alimentar (IA leve + moderada + grave) segundo raça autodeclarada por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2023.

Tabela 5. Percentual (%) de pessoas autodeclaradas negras por décimo de renda e percentual de negros entre aqueles em situação de insegurança alimentar por décimos de renda. Brasil, 2023.

Tabela 6. Percentual (%) de pessoas em situação de insegurança alimentar (IA leve + moderada + grave) segundo raça autodeclarada por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2023.

FIGURAS

Figura 1. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar e níveis de insegurança alimentar (IA) leve, moderada e grave encontrados em pesquisas baseadas em dados com representação nacional e conduzidas a partir da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (Ebia). Brasil, 2004-2023.

Figura 2. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar, insegurança alimentar (IA) leve e em IA severa (moderada + grave) encontrados em pesquisas em pesquisas baseadas em dados com representação nacional e conduzidas a partir da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (Ebia). Brasil, 2004-2023.

Figura 3. Variação* da prevalência ($\Delta\%$) da segurança alimentar e insegurança alimentar (IA) leve, moderada e grave no Brasil, entre 2018 e 2023.

Figura 4. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por dados agregados, sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura 5. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA), por sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura 6. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA), segundo localização do domicílio (urbano ou rural), sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura 7. Percentual (%) de domicílios em insegurança alimentar (IA) por sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável e localização, urbana ou rural. Brasil, 2023.

Figura 8. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/força de trabalho da pessoa responsável pelo domicílio (fora da força de trabalho, empregador/a, empregado/a e conta própria). Brasil, 2023.

Figura 9. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/

força de trabalho (empregador, empregado, conta própria, desocupado ou fora da força de trabalho), sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Figura 10. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por situação de trabalho (formal ou informal) da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Figura 11. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por situação de trabalho (formal ou informal), sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura 12. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por situação de trabalho (formal ou informal) e sexo da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura 13. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por situação de trabalho (formal ou informal) e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura 14. Percentual (%) de pessoas em situação de insegurança alimentar (IA leve + moderada + grave) por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2023.

Figura 15. Percentual (%) de crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA). Brasil, 2023.

Figura 16. Percentual (%) de crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) – leve, moderada e grave, por sexo e raça autodeclarada. Brasil, 2023.

Figura 17. Percentual (%) de crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) – leve, moderada e grave, por sexo. Brasil, 2023

Figura 18. Percentual (%) de crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) – leve, moderada e grave, por raça autodeclarada. Brasil, 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE 1. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e insegurança alimentar (IA) por sexo da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Figura A. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por sexo da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Figura B. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e insegurança alimentar (IA) por sexo da pessoa responsável. Brasil, 2023.

APÊNDICE 2. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e insegurança alimentar (IA) por raça da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Figura A. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por raça autodeclarada da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Figura B. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e insegurança alimentar (IA) por raça da pessoa responsável. Brasil, 2023.

APÊNDICE 3. Análise por região – formas alternativas de apresentar o resultado.

Tabela A. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA), segundo macrorregiões, sexo e raça autodeclarada de pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura A. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA), segundo macrorregiões e raça autodeclarada do homem responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura B. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA), segundo macrorregiões e raça autodeclarada da mulher responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura C. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA), segundo macrorregiões, sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Apêndice 4. Análise complementares de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/ força de trabalho (empregador, empregado, conta própria, desocupado ou fora da força de trabalho) separadas por sexo e raça da pessoa responsável pelo domicílio.

Figura A. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/força de trabalho (empregador, empregado, conta própria, desocupado ou fora da força de trabalho) e sexo da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Figura B. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/ força de trabalho (empregador, empregado, conta própria, desocupado ou fora da força de trabalho) e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Apêndice 5. Percentual (%) de pessoas segundo sexo em situação de insegurança alimentar (IA leve + moderada + grave) por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2023.

POR QUE OLHAR OS DADOS DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL PELA ÓTICA DE RAÇA E SEXO

Os desafios vistos e vivenciados nos últimos anos no país mostram que a eliminação da fome e outras formas de insegurança alimentar (IA) passa pelo diálogo e pela parceria entre a sociedade civil, a ciência e os órgãos governamentais. A retomada do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), em 2023, seguido de seu reposicionamento como instância de assessoramento às ações governamentais voltadas à promoção da segurança alimentar e nutricional (SAN), e a retomada das políticas intersetoriais desse campo já mostram resultados positivos. Estimada em 15,5% em 2022 (Rede Penssan, 2022), a IA grave (fome) passou a 4,1% em 2023 (IBGE, 2024).

No entanto, cabe ainda hoje debater a permanência de iniquidades na realização do direito humano à alimentação e à nutrição adequadas (Dhana). Todas as manifestações da IA seguem sendo mais presentes em domicílios chefiados por pessoas autodeclaradas negras, mulheres, residentes em áreas rurais e nas regiões Norte e Nordeste (IBGE, 2024).

Nesse sentido, apresentam-se neste estudo resultados obtidos a partir de uma análise interseccional de dados sobre a segurança alimentar (SA) coletados em 2023, por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua). No debate dos resultados retomamos, a título de comparação temporal, os resultados de SA/IA obtidos em pesquisas nacionais referentes aos anos de 2017-2018 (Pesquisa de Orçamento Familiar – POF), 2020 e 2021 (1º e 2º VIGISAN) por raça e gênero em associação com alguns marcadores socioeconômicos.

Esta pesquisa busca, assim, visibilizar as violências estruturais e históricas que resultam na insegurança alimentar, além de contribuir com o fortalecimento da incidência da FIAN na luta pela exigibilidade do Dhana. Um debate político e ético complexo, porém necessário para a promoção da equidade e da justiça alimentar.

SOBRE A ANÁLISE DOS DADOS

Este estudo foi conduzido a partir da análise sobre o banco de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), cuja coleta foi realizada no 4º trimestre de 2023, sob coordenação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Informações detalhadas sobre a metodologia da Pnad Contínua podem ser lidas em [publicação específica](#).

Tal pesquisa conta com uma amostra representativa da população brasileira, nacional e regionalmente, formada a partir da coleta de dados em 173.676 domicílios, distribuídos nas 27 unidades da federação (IBGE, 2024). Todas as estatísticas pontuais se valem do fator de expansão da amostra para representar a totalidade dos domicílios ou de pessoas do Brasil. Os resultados neste estudo são expressos por meio do percentual de domicílios ou de pessoas.

Neste estudo foram exploradas as relações entre a SA/IA a partir dos determinantes: sexo, raça e marcadores socioeconômicos como idade dos moradores do domicílio, renda *per capita* domiciliar e aspectos relacionados ao trabalho/emprego da pessoa identificada como responsável pelo domicílio. Numa segunda rodada de análise, foram comparados resultados selecionados com aqueles obtidos do banco da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) 2017-2018 (IBGE, 2020). Tanto a Pnad Contínua como a POF (2017-2018) foram conduzidas pelo IBGE e compartilham, além de procedimentos amostrais semelhantes, a aplicação da Escala Brasileira de Medida de Insegurança Alimentar (Ebia) como instrumento de aferição da SA/IA. Adicionalmente, a fim de conduzir uma análise histórica, foram incluídos dados do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (VIGISAN), conduzido pela Rede Brasileira de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) em 2020 (1º VIGISAN) e em 2021-2022 (2º VIGISAN) (Rede Penssan, 2021; 2022).

A análise dos dados da Pnad publicada pelo IBGE trabalha com a versão completa da Ebia. Porém, como já explorado por Interlenghi *et al.* (2018), a análise por meio da versão curta (formada pelo somatório das oito primeiras perguntas da escala) apresenta acurácia e confiabilidade adequadas para classificar a IA nos domicílios com ou sem pessoas menores de 18 anos. Neste estudo, a classificação da SA/IA domiciliar foi obtida por meio dessa versão, permitin-

do uma ampliação do debate dos resultados com aqueles publicados tanto pelo IBGE como pela série VIGISAN da Rede Penssan.

Assim como no estudo ***Prato do dia: desigualdades*** (Alexandre-Weiss et al., 2023), a interpretação da SA/manifestações da IA foi conduzida em diálogo com o conceito do Dhana. A SA representa o acesso regular aos alimentos, sem comprometer o alcance das demais necessidades dos membros do domicílio (Kepple; Segall-Corrêa, 2011). Trata-se de uma condição de acesso aos alimentos nas quantidades necessárias para suprir as demandas biológicas dos moradores, indicando a realização de algumas dimensões do Dhana. Não é possível afirmar o pleno alcance desse direito devido a aspectos como contaminação dos alimentos por resíduos de agrotóxicos, existência de produção e processamento de alimentos baseada em processos injustos ou com práticas que violam os direitos humanos e da natureza.

A IA leve é uma classificação que marca a existência da incerteza quanto ao acesso aos alimentos no futuro próximo, contendo um indicativo de piora na qualidade da alimentação (Kepple; Segall-Corrêa, 2011). É, portanto, um marcador de violação do Dhana, no aspecto de ausência de acesso a uma alimentação adequada e, conseqüentemente, de a pessoa desfrutar do mais elevado nível possível de saúde (ONU, 1948; ONU, 1966).

A situação de IA moderada marca a experiência do domicílio com a redução ou falta de acesso regular e permanente aos alimentos (Kepple; Segall-Corrêa, 2011). Além das dimensões de violação descritas no contexto da IA leve, este nível indica limitações para que os indivíduos e sua família vivenciem a saúde e o bem-estar (ONU, 1948). Por fim, a IA grave é um termo relacionado à experiência da fome, ou seja, da falta de alimentos no domicílio. Além de violar a primeira dimensão do Dhana – o direito das pessoas de viverem livres da fome e da desnutrição –, indica a violação ao direito a uma vida digna (ONU, 1948; ONU, 1966).

No quadro 1 estão descritas as variáveis utilizadas neste estudo da FIAN Brasil a partir do banco de dados da Pnad Contínua (IBGE, 2024).

Quadro 1. Descrição das variáveis adotadas para as análises deste relatório.

NOME DA VARIÁVEL	CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Segurança alimentar (SA)/ insegurança alimentar (IA)	SA IA leve IA moderada IA grave IA (somatório da IA leve + moderada + grave) IA severa (somató- rio da IA moderada + grave)	A classificação dos domicílios em SA ou em IA foi conduzida por meio da análise das oito primeiras questões da Ebia, instrumento aplicado na Pnad Contínua e na POF. A IA pode ser classificada como leve, moderada ou grave. Adicionalmente, apresentam-se resultados do total de domicílios em IA, dado este obtido por meio do somatório dos níveis leve + moderado + grave de IA.
Sexo	Homem Mulher	A informação é trabalhada neste estudo como um marcador para análise de gênero. Reconhece-se, porém, a lacuna de não considerar as demais diversidades de gênero e de orientação sexual.

NOME DA VARIÁVEL	CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Raça autodeclarada	<p>Branca ou população branca</p> <p>Negra ou população negra</p>	<p>O questionário da Pnad Contínua (2023) e da POF (2017-2018) coletam informações sobre cor da pele a partir da autodeclaração do(a) entrevistado(a). Este também declara a cor da pele de outros membros da família. Entre as categorias do quesito cor se tem: branco, pardo, preto, amarelo, indígena ou sem declaração.</p> <p>Nesta pesquisa, todas as pessoas autodeclaradas brancas compõem o grupo identificado como “raça branca” ou “população branca”. A categoria raça ou população negra traz a somatória de pessoas autodeclaradas de cor da pele preta e parda (Brasil, 2010, art.1, IV). Indivíduos autodeclarados amarelos, indígenas ou sem declaração foram excluídos da análise.</p>
Macrorregião	<p>Sul</p> <p>Sudeste</p> <p>Centro-Oeste</p> <p>Nordeste</p> <p>Norte</p>	<p>Este recorte visa explorar as diferenças regionais na distribuição da SA/IA.</p>

NOME DA VARIÁVEL	CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Localização do domicílio	Urbano Rural	
Posição na ocupação/ força de trabalho	A) Ocupados Empregador/a Empregado/a Autônomo/a (Produção de renda por conta própria) B) Desempregado (Desocupado para IBGE) C) Fora da força de trabalho	<p>Estas duas variáveis trazem informações relacionadas à pessoa identificada como responsável pelo domicílio. Trata-se de uma aproximação ao que identificamos, no estudo <i>Prato do dia: desigualdades</i>, como tipos de inserção social da pessoa responsável pela família.</p> <p>A manutenção desta informação neste segundo estudo segue a busca pelo diálogo com nomeações também adotadas pelo IBGE.</p> <p>A categoria “Fora da força de trabalho” são todos aqueles que não estavam ocupados e/ou informaram no momento da entrevista que não estavam em busca de ocupação. Refere-se, por exemplo, a aposentados, pessoas que desistiram de ir para o mercado de trabalho (desalentados), donas de casa e estudantes exclusivos.</p>

NOME DA VARIÁVEL	CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Situação de trabalho	Formal Informal	<p>São considerados formais os assalariados com carteira assinada, os conta-própria e os empregadores com contribuição à previdência. São considerados informais os assalariados sem carteira assinada, os conta-própria, os empregadores sem contribuição à previdência e os trabalhadores no auxílio familiar.</p>
Renda domiciliar mensal <i>per capita</i> (RDMPC)	Total	<p>Rendimento mensal de todas as fontes do domicílio dividido pelo número de moradores(as).</p>
Faixa etária	Crianças: 0 a 9 anos, 11 meses e 29 dias Adolescentes: 10 anos a 19 anos, 11 meses e 29 dias Adultos: 20 a 59 anos, 11 meses e 29 dias Idosos: 60 ou mais anos	<p>Este recorte permite explorar a SA/IA entre ciclos de vida.</p>

1. UM PANORAMA HISTÓRICO SOBRE OS DADOS DA SEGURANÇA/ INSEGURANÇA ALIMENTAR NO BRASIL

Os resultados gerais publicados em 2024 a partir da Pnad Contínua (dados coletados em 2023) descrevem um cenário de melhoria no contexto da percepção das famílias sobre o seu acesso aos alimentos. Na comparação histórica, identificamos que o percentual de domicílios em segurança alimentar (SA) foi semelhante ao obtido na Pnad 2013, enquanto os dados da insegurança alimentar (IA, todos os níveis) foram próximos ao encontrado na Pnad 2009 (figura 1). Assim como em 2017-2018, momento em que ainda não tínhamos vivenciado a pandemia de Covid-19 (2020-2022), a IA leve, ou seja, a incerteza sobre a capacidade de manter o acesso aos alimentos no futuro próximo, foi a situação mais frequentemente relatada pelas famílias (figuras 1 e 2).

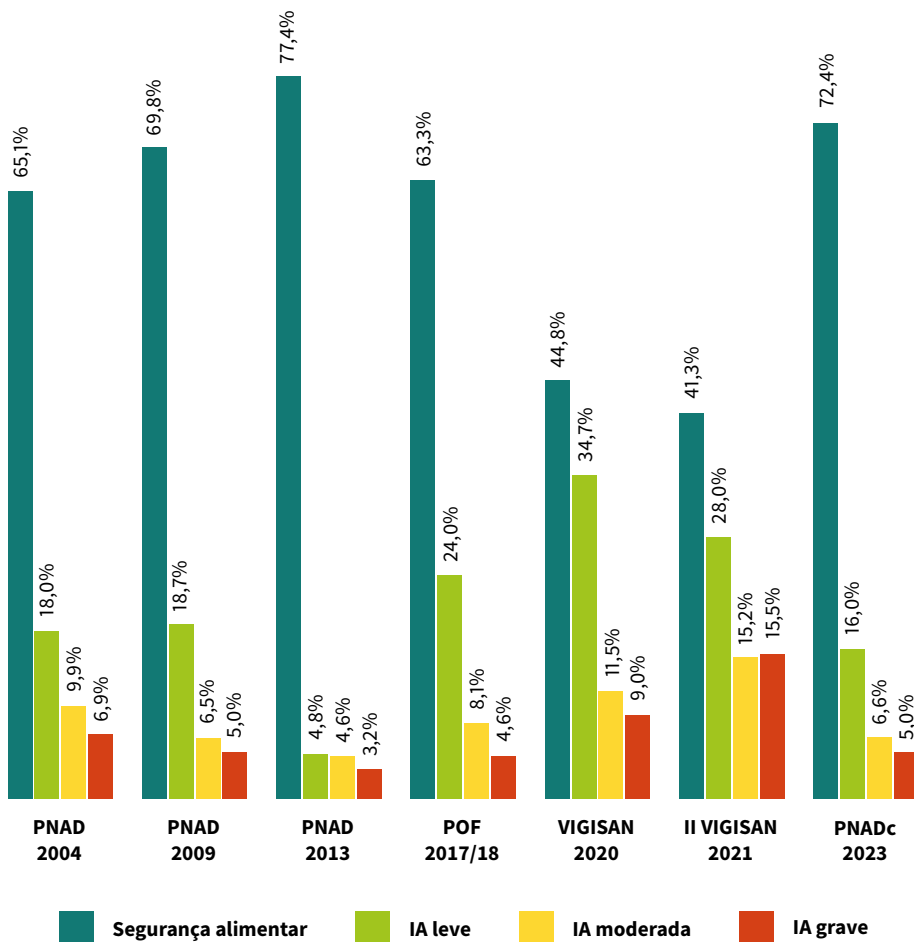


Figura 1. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar e níveis de insegurança alimentar (IA) leve, moderada e grave encontrados em pesquisas baseadas em dados com representação nacional e conduzidas a partir da Escala Brasileira de Insegurança alimentar (Ebia). Brasil, 2004-2023.

Legenda (sigla da pesquisa, ano de coleta do dado) e referência: Pnad 2004 (IBGE, 2006), Pnad 2009 (IBGE, 2010), Pnad 2013 (IBGE, 2014), POF 2017-2018 (IBGE, 2020), 1º VIGISAN 2020 (Rede Penssan, 2021), 2º VIGISAN 2021/2022 (Rede Penssan, 2022), Pnad Contínua 2023 (IBGE, 2024).

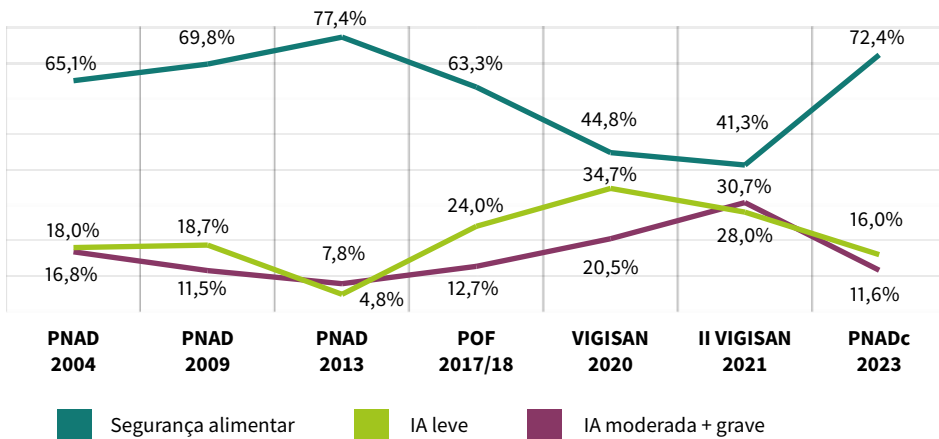


Figura 2. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar, insegurança alimentar (IA) leve e em IA severa (moderada + grave) encontrados em pesquisas em pesquisas baseadas em dados com representação nacional e conduzidas a partir da Escala Brasileira de Insegurança alimentar (Ebia). Brasil, 2004-2023.

Legenda (sigla da pesquisa, ano de coleta do dado) e referência: Pnad 2004 (IBGE, 2006), Pnad 2009 (IBGE, 2010), Pnad 2013 (IBGE, 2014), POF 2017-2018 (IBGE, 2020), 1º VIGISAN 2020 (Rede Penssan, 2021), 2º VIGISAN 2021/2022 (Rede Penssan, 2022), Pnad Contínua 2023 (IBGE, 2024).

Observando o aspecto da variação das prevalências entre 2017-2018 (POF), 2021 (2º VIGISAN) e 2023 (Pnad Contínua) observamos o quanto todo o cenário econômico e social vivenciado durante e em consequência à pandemia reduziu a frequência de domicílios em SA (34,8% menor em 2021, quando comparado a 2018) e aumentou consideravelmente (237%) o percentual de lares com experiência de IA grave (fome).

Ao compararmos os dados da Pnad Contínua (2023) com aqueles obtidos no 2º VIGISAN (2021), observamos que o crescimento no percentual de lares em SA foi de 75,5% e a redução no percentual de domicílios em IA foi de 42,9% (IA leve), 56,6% (IA moderada) e de 67,7% (IA grave). Isso num curto período de tempo, potencialmente influenciado pela retomada da agenda e de políticas públicas voltadas ao combate à fome desde o início da atual gestão federal, somado ao novo contexto pós-pandemia.

No entanto, ao compararmos os dados de 2023 com os de 2017-2018 – portanto, cenários sem restrições associadas ao coronavírus –, a variação dos dados mostra-se menor para a SA (+ 14,4% em 2023) e reforça a importância da agenda de combate à fome no país (figura 3).

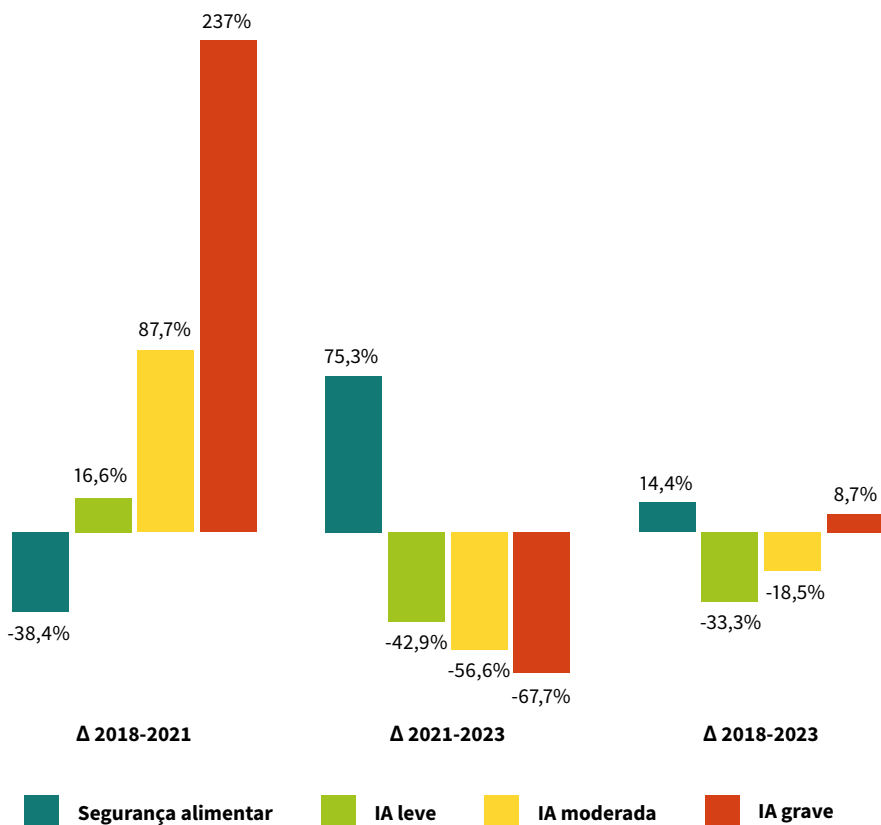


Figura 3. Variação* da prevalência (Δ%) da segurança alimentar e insegurança alimentar (IA) leve, moderada e grave no Brasil, entre 2018 e 2023.

* A variação (Δ) das prevalências foi obtida por meio da fórmula: $\Delta = \frac{(t_2 - t_1)}{t_1} \times 100$. Em Δ 2018-2021, t2 representa as prevalências obtidas em 2021, e t1, as prevalências de 2018. Em Δ 2021-2023, t2 e t1 representam, respectivamente, as prevalências de 2023 e 2021. Em Δ 2018-2023, t2 e t1 representam, respectivamente, as prevalências de 2023 e 2018.

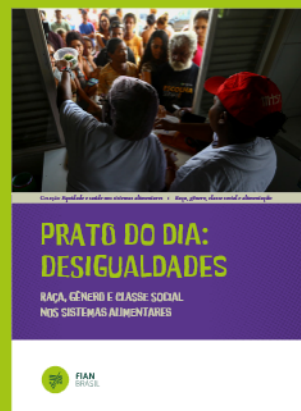
Legenda:

Δ 2018-2021 = POF 2017-2018 (IBGE, 2020) - 2º VIGISAN 2021 (Rede Penssan, 2022)
 Δ 2021-2023 = 2º VIGISAN 2021 (Rede Penssan, 2022) - Pnad Contínua 2023 (IBGE, 2024)
 Δ 2018-2021 = POF 2017-2018 (IBGE, 2020) - Pnad Contínua 2023 (IBGE, 2024)

Adaptação do gráfico apresentado em Salles-Costa, Rosana *et al.* Rise and fall of household food security in Brazil, 2004 to 2022. Cadernos De Saúde Pública, 2023, v. 39, n. 1, e00191122. <https://doi.org/10.1590/0102-311XEN191122>

UM RAIO X DAS INIQUIDADES NOS SISTEMAS ALIMENTARES

A FIAN Brasil lançou em 2023 *Prato do dia: desigualdades. Raça, gênero e classe social nos sistemas alimentares*, também em parceria com Veruska Prado, Rute Costa e Arthur Welle, além de Patrícia Mourão e Pedro Rossi. O material investiga narrativas e dados sobre a forma como as iniquidades se expressam ao longo do processo alimentar.



Com base nos dados do IBGE e documentos de diversos setores, o livro procurou dar visibilidade às formas com que o racismo e o sexismo contribuem para violações do direito humano à alimentação e à nutrição adequadas (Dhana) no Brasil (como em outros países).

Os resultados mostram como as injustiças (re)produzidas na sociedade marcam, historicamente, a produção, a circulação, o acesso e o consumo de alimentos, afetando de forma mais intensa a vida de pessoas negras, mulheres e crianças, e daqueles(as) com mais baixa renda.

São analisados dados quantitativos pré-pandemia (2017-2018) obtidos a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF). O documento também apresenta análise de textos públicos de organizações de diferentes setores da sociedade – comercial, movimentos sociais, entidades profissionais e academia. Nos anexos é possível consultar o extenso conjunto de trechos analisados, além de um compilado de resoluções de uma década de conferências nacionais.

Essa leitura traz à tona os tratamentos generalizados sobre as tecnologias de opressão social – em alguns momentos, naturalizados, como elas constituíssem elementos imutáveis da sociedade brasileira; e, por outro lado, propostas para enfrentá-las resultantes de amplos processos participativos.

A publicação integrou o projeto “Equidade e saúde nos sistemas alimentares”, que produziu conhecimento para embasar estratégias de incidência nas compras públicas com vistas à justiça social.



FIANBRASIL.ORG.BR/PUBLICACAO/RELATDESIGUALDADES

Essa sequência de gráficos mostra um aumento da SA nos domicílios particulares do país entre 2018 (POF) e 2023 (Pnad Contínua) – essa prevalência passou de 63,3% para 72,4% (figuras 2 e 3). Apesar de os dados mais gerais nos informarem que estamos na direção correta, quando olhamos com mais atenção para as experiências dos diferentes grupos sociais verificamos certo padrão: domicílios chefiados por pessoas brancas, principalmente os homens, desfrutam com mais frequência da SA, indicando um histórico privilégio social de acesso regular e permanente aos alimentos, ao passo que pessoas negras, mulheres, domicílios localizados nas regiões Norte e Nordeste e em áreas rurais seguem como os mais afetados pelas diferentes manifestações da IA.

Trata-se de mais uma manifestação das iniquidades que marcam as condições de vida de pessoas negras e mulheres, e mais uma evidência da existência e da manutenção de mecanismos sociais, econômicos, políticos, geográficos usados pelo racismo e pelo sexismo na (re)produção sistemática de desigualdades nas condições desiguais de vida de negros e brancos (Collins, 2019; Ribeiro, 2019).

Por isso propomos novamente olhar dados agregados nacionais a partir da pergunta: como ficam esses bons resultados da SA ao aplicarmos as lentes de análise por raça autodeclarada e sexo da pessoa responsável pelo domicílio?

SEGURANÇA/ INSEGURANÇA ALIMENTAR POR SEXO E RAÇA AUTODECLARADA DA PESSOA RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO

DADOS GERAIS

A Pnad Contínua, por meio da coleta de dados no quarto trimestre de 2023, encontrou a maior parte dos domicílios (72,4%) em situação de segurança alimentar (SA). A insegurança alimentar (IA) era uma realidade para 27,6% dos domicílios particulares. Na análise das diferentes manifestações da IA, foram encontrados 16% dos domicílios em IA leve, seguido de 6,6% em IA moderada e 5% em IA grave (figura 4). Trata-se da retomada do cenário pré-pandemia, em que a maior parte dos domicílios brasileiros vivenciavam a SA.

Entre aqueles que relataram vivenciar a IA, a forma mais frequentemente encontrada foi a leve, seguida pela IA moderada e, por último, pela forma mais grave, associada à experiência da fome.

O esforço analítico empreendido neste estudo tem como base a compreensão da SA/IA como fenômeno multidimensional marcado por determinantes sistêmicos, como o racismo e o sexismo, no estabelecimento de condições desiguais para grupos sociais distintos. Ao ajustarmos as análises incluindo o olhar de raça e sexo, observamos que o valor agregado de 72,4% dos domicílios brasileiros em SA (figura 4) se expressa de forma díspar entre os lares. Enquanto a SA está presente em aproximadamente 8 de cada 10 lares chefiados por pessoas brancas (homens e mulheres), naqueles domicílios chefiados por mulheres autodeclaradas negras este número cai para 6 em cada 10 lares (figura 4). A SA nestes lares chega a ser 22 pontos percentuais (p.p.) menor do que em domicílios chefiados por homens brancos.

A forma que este estudo elegeu para avançar nas análises sobre as iniquidades é utilizar a interseccionalidade como lente de investigação crítica sobre os dados (Crenshaw, 2002). Esta abordagem possibilita visualizar como estruturas de poder, de violência e de exclusão social, fundadas em dois ou mais eixos de opressão, agem de maneira combinada e causam impactos específicos sobre as trajetórias de vida.

Conforme exemplifica Silva (2022), as mulheres negras e brancas em condições de pobreza não compartilham qualitativamente das mesmas experiências, visto que as primeiras, além da discriminação de gênero, enfrentam o racismo de forma articulada, e essa convergência gera vulnerabilidades específicas e adicionais. De modo complementar, os homens brancos se beneficiam das vantagens produzidas pelos sistemas de opressão racial e de gênero de forma combinada, desfrutando de mecanismos singulares que promovem a proteção de suas condições de vida. **No entanto, cabe afirmar a lacuna existente no campo de estudos sobre os mecanismos que beneficiam a população de raça branca. Assim, reconhecer, explicitar e incidir na relação de dominação de raça e gênero é tarefa urgente.**

Análises complementares segundo sexo e raça, de forma separada, sobre os dados da SA/IA coletados no contexto da Pnad Contínua são também apresentadas nos apêndices 1 e 2.

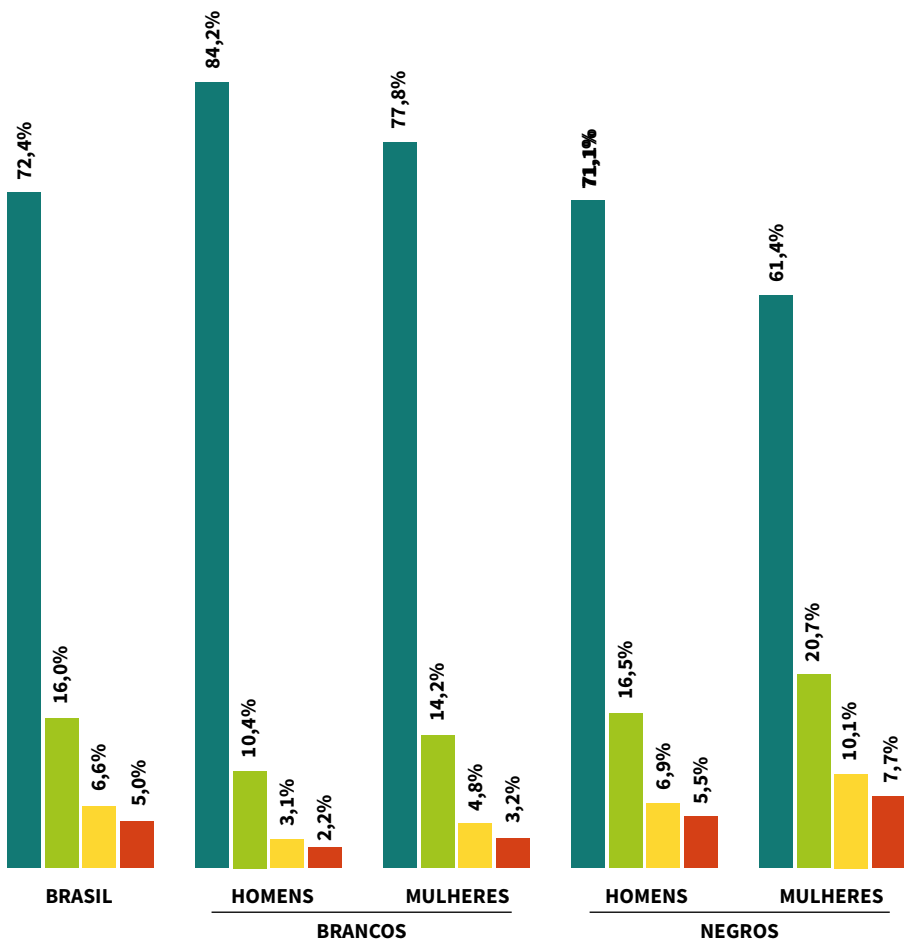


Figura 4. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por dados agregados, sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023.

Assim como encontrado no estudo *Prato do dia: desigualdades. Raça, gênero e classe social nos sistemas alimentares* (Alexandre-Weiss et al., 2023), a partir de dados da POF (2017-2018) a dimensão raça segue sendo um marcador que expressa a diferença na frequência de SA/IA que se sobrepõe à dimensão sexo (figura 4). Essa afirmação é também exemplificada pela análise a partir do somatório dos resultados da IA, portanto, todas as formas desta expressão de violação do DHAA, sendo o *ranking* dos lares mais frequentemente afetados por qualquer forma de IA: domicílios chefiados por mulheres negras (38,5%), seguidos daqueles chefiados por homens negros (28,9%), por mulheres brancas (22,2%) e, por fim, aparecem os domicílios chefiados por homens brancos (15,7%) (dados apresentados na figura 5).

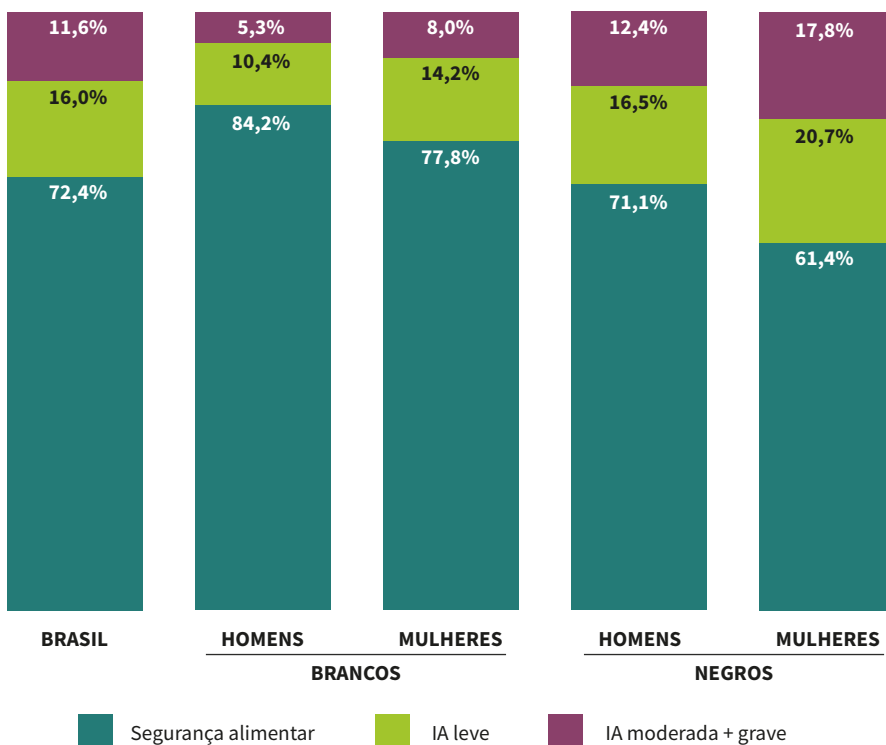


Figura 5. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA), por sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023.

Ainda sobre a figura 5, observamos o quão fundamental é ler e analisar os dados nacionais à luz do recorte de raça. Partindo do dado nacional observamos duas situações distintas: lares chefiados por pessoas brancas apresentam maior percentual de SA e menor de IA, já nos domicílios chefiados por pessoas negras esse padrão se inverte. A frequência da SA entre os lares chefiados por pessoas negras é menor do que a encontrada para o dado nacional e a IA é maior. Em domicílios chefiados por pessoas brancas, a SA foi maior do que o encontrado para o dado agregado nacional (72,4% domicílios em SA). Essa diferença foi de 11,8 pontos percentuais (p.p.) a mais em lares chefiados por homens brancos (SA: 84,2%) e 5,4 p.p a mais nos lares chefiados por mulheres brancas (SA: 77,8%). Entre os domicílios chefiados por negros ou negras, o percentual de SA encontrado foi 1,3 ponto percentual (p.p.) menor nos lares chefiados por homens negros e 11,0 p.p menor entre os lares chefiados por mulheres negras.

A interseccionalidade pode nos apoiar nas denúncias das violações do Dha-na, assim como na compreensão e na nomeação das formas complexas como raça e gênero interagem para a manutenção de melhores condições de vida para a população branca, especialmente a do sexo masculino. A branquitude precisa ser nomeada como parte fundamental da permanência das desigualdades raciais no país, assim como os processos, ferramentas e sistemas que produzem este fenômeno de iniquidades.

UM PACTO BASEADO EM NARCISISMO E PRIVILÉGIOS

A estrutura de manutenção de privilégios raciais pode ser compreendida, como aponta Cida Bento (2022), no conceito de “pacto narcísico da branquitude”, um conjunto de acordos implícitos entre pessoas brancas voltados à preservação de seus privilégios. “O silêncio, a omissão e a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil vêm acompanhados de um pesado investimento na colocação deste grupo como grupo de referência” (Bento, 2022, p. 30).

Segundo a autora, as instituições públicas, privadas e da sociedade civil contribuem para essa reprodução estrutural, ao definirem, regulamentarem e transmitirem modos de funcionamento homogêneos e uniformes, que padronizam não apenas processos, ferramentas e valores, mas também um perfil majoritariamente masculino e branco de seus quadros e lideranças. Essas relações de dominação se expressam e se reproduzem dentro do que se denomina branquitude, sustentada por um pacto não verbal (Bento, 2022).

Como mencionado anteriormente, o comparativo entre os dados de SA/IA nos anos de 2021 e 2023 indica uma fissura nessa lógica no campo de SSAN, possivelmente em função de um esforço concentrado e focalizado. Mas a reversão dos avanços no período imediatamente anterior (2013 a 2021), com a piora mais acentuada entre os lares chefiados por mulheres negras, mostra a persistência dessas amarras. [\(ver mais à p. 61\)](#)

CIDA BENTO EXPLICA O PACTO DA BRANQUITUDE



CADEIRAS CATIVAS

No campo, enquanto a porcentagem de produtores à frente dos estabelecimentos agropecuários é praticamente a mesma entre brancos e negros, a desproporção aumenta conforme o tamanho da propriedade. Entre os que dirigem estabelecimentos com mais de 500 hectares, 72,2% são brancos.

Uma visita a estudos e levantamentos da ocupação dos lugares de poder ilustra outros elos dessa teia. Nas eleições de 2022, o perfil que mais se repetia entre os 513 deputados eleitos era: homem branco, com mais de 50 anos, ensino superior completo, patrimônio acima de R\$ 2 milhões, filiado a partido de centro-direita ou direita. Pessoas pretas e pardas (negras) somavam 134 das 513 cadeiras. Mulheres, 90.² No pleito municipal de 2024, uma concentração semelhante: dois terços dos prefeitos eleitos eram brancos; do total, quase 9 em cada 10 eram homens.³

Se Dilma compôs o ministério mais perto da paridade de gênero, e o contraste com as fotos de Temer cercado de engratados acima de 50 anos foi emblemático da (re)tomada de poder, não se pode dizer que os governos de esquerda primaram pela diversidade no primeiro escalão. A posse de Lula em seu terceiro mandato foi marcada pelo simbolismo inclusivo, e o governo trouxe novidades em termos de representação como o Ministério dos Povos Indígenas (MPI), chefiado por uma cacique, e pela primeira vez uma mulher originária à frente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), mas começou com 11 pessoas negras entre as 37 pastas da Esplanada.⁴

Outra manifestação recorrente das barreiras invisíveis está nas indicações ao Supremo Tribunal Federal (STF), com o atendimento às reivindicações do movimento de mulheres negras – e de parte expressiva da comunidade jurídica e da sociedade civil – sempre adiado em nome da governabilidade, dado que o cargo funciona como anteparo e fiador nas relações com o Congresso Nacional.⁵

2 <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/29600/perfil-da-nova-camara-esancara-desigualdades-sociais>

3 <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-10/quase-9-em-cada-10-prefeitos-eleitos-sao-homens-66-sao-brancos>

4 <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2023/12/20/o-que-lula-entregou-de-diversidade-apos-a-foto-simbolica-da-posse>

5 <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/rede-de-juristas-aciona-stf-pela-indicacao-de-uma-ministra-negra-para-o-supremo>

ANÁLISE POR MACRORREGIÃO

Na tabela 1 apresentamos análises por macrorregiões do Brasil e observamos que as desigualdades regionais seguem presentes em 2023. A SA obteve uma maior prevalência entre os dados agregados obtidos pelo conjunto das regiões do país. No entanto, observamos que encontramos diferentes realidades para os percentuais de SA/IA segundo análise por região, somada ao sexo e à raça auto-declarada da pessoa responsável pelo domicílio. Formas complementares (adicionais) de apresentação desses resultados estão apresentadas no apêndice 3.

As maiores frequências de SA foram encontradas entre domicílios chefiados por homens ou mulheres, autodeclarados brancos, localizados nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Entre os domicílios chefiados por homens autodeclarados negros, a SA foi maior também entre domicílios localizados nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste. Em relação a IA, nas suas manifestações mais severas (moderada + grave), os domicílios chefiados por negros e localizados nas regiões Nordeste e Norte apresentaram a maior frequência desta condição, com piores resultados sido encontrados entre lares chefiados por mulheres negras (tabela 1).

Tabela 1. Percentual (%) de domicílios situação de segurança alimentar (SA), insegurança alimentar leve (IA leve) e IA severa (somatório da IA moderada e grave), segundo macrorregiões, sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

	DOMICÍLIOS CHEFIADOS POR:					
	HOMENS BRANCOS			HOMENS NEGROS		
	SA	IA leve	IA severa	SA	IA leve	IA severa
Sul	88,9%	7,4%	3,7%	80,1%	12,7%	7,2%
Sudeste	85,2%	10,5%	4,3%	76,2%	14,9%	8,9%
Centro-Oeste	85,6%	10,2%	4,2%	77,4%	12,8%	9,8%
Nordeste	74,6%	13,9%	11,5%	63,7%	19,5%	16,7%
Norte	71,5%	18,0%	10,5%	63,0%	18,9%	18,1%

	DOMICÍLIOS CHEFIADOS POR:					
	MULHERES BRANCAS			MULHERES NEGRAS		
	SA	IA leve	IA severa	SA	IA leve	IA severa
Sul	83,5%	10,9%	5,5%	72,3%	16,8%	10,9%
Sudeste	79,3%	13,8%	6,9%	67,5%	18,9%	13,6%
Centro-Oeste	76,9%	14,9%	8,3%	67,8%	18,7%	13,4%
Nordeste	66,6%	19,2%	14,2%	54,3%	23,3%	22,4%
Norte	66,3%	19,7%	14,1%	53,6%	21,9%	24,4%

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023.

Comparando os resultados descritos na tabela 1 com aqueles apresentados nas análises do dado agregado nacional (figura 4) podemos afirmar:

- A frequência de SA é maior do que o valor encontrado nacionalmente entre lares localizados nas regiões (e chefiados por): Sul (homens e mulheres brancos/as e homens negros/as), seguido por Centro-Oeste (homens brancos e negros, mulheres brancas) e Sudeste (homens e mulheres brancos/as e homens negros).
- Lares chefiados por homens negros, localizados nas regiões Norte e Nordeste, apresentaram uma frequência de SA que chega a ser 9,4 p.p e 8,7 p.p menor, respectivamente, do que a encontrada nacionalmente.
- Lares chefiados por mulheres negras, localizados nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, apresentaram uma frequência de SA menor do que a encontrada na média nacional, chegando a diferença em p.p. a ser de: 18,8 p.p para Norte, 18,1 p.p Nordeste, 4,9 p.p no Sudeste e 4,6 p.p CO.
- Lares chefiados por homens brancos em todas as regiões apresentam valores próximos ou maiores do que o percentual encontrado nacionalmente.

- Lares chefiados por mulheres brancas localizados nas regiões Norte e Nordeste também apresentaram menores valores percentuais de SA do que o encontrado nacionalmente.
- Os domicílios chefiados por mulheres brancas apresentam menor percentual de SA do que aqueles chefiados por homens brancos e maior quando comparados com aqueles chefiados por homens negros. A exceção acontece na região Centro-Oeste na qual a frequência de SA é um pouco maior nos domicílios chefiados por homens negros.

Na análise por macrorregiões observamos que, também neste recorte, os domicílios chefiados por mulheres negras, independentemente da região brasileira, seguem vivenciando um maior percentual de IA (todas as formas). O destaque pode ser dado às regiões Norte e Nordeste, onde os percentuais foram de 46,3% e 45,7%, respectivamente (tabela 2).

Tabela 2. Percentual (%) de domicílios em situação de insegurança alimentar (IA) por sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável e macrorregião. Brasil, 2023.

	DOMICÍLIOS CHEFIADOS POR:			
	BRANCOS		NEGROS	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
Sul	11%	16%	20%	28%
Sudeste	15%	21%	24%	33%
Centro-Oeste	14%	23%	23%	32%
Nordeste	25%	25%	36%	46,3%
Norte	28%	28%	37%	45,7%

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023.

ANÁLISE POR LOCALIZAÇÃO DO DOMICÍLIO

Situação semelhante encontramos na análise segundo localidade do domicílio. Esta é uma análise que corrobora com a importância de políticas públicas voltadas à população do campo, pois a presença de SA foi, ainda em 2023, menor entre lares localizados na zona rural do que entre aqueles localizados na zona urbana. A leitura do dado por sexo e raça autodeclara segue o mesmo padrão anteriormente descrito, com domicílios chefiados por mulheres negras com maiores percentuais de IA (figuras 6 e 7).

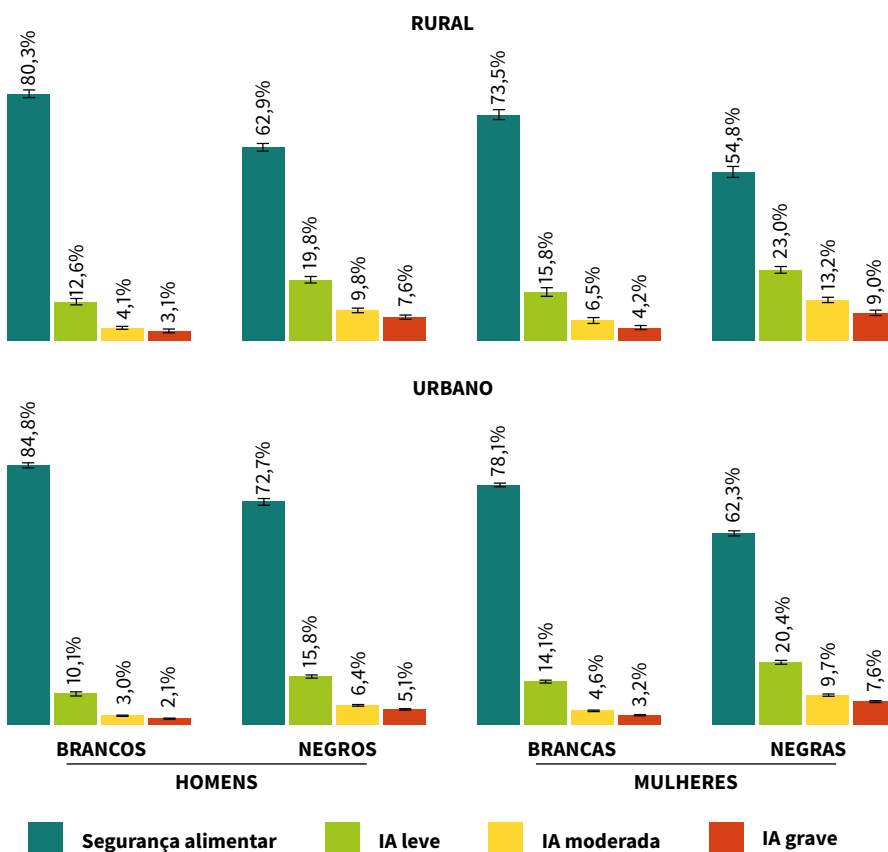


Figura 6. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA), segundo localização do domicílio (urbano ou rural), sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

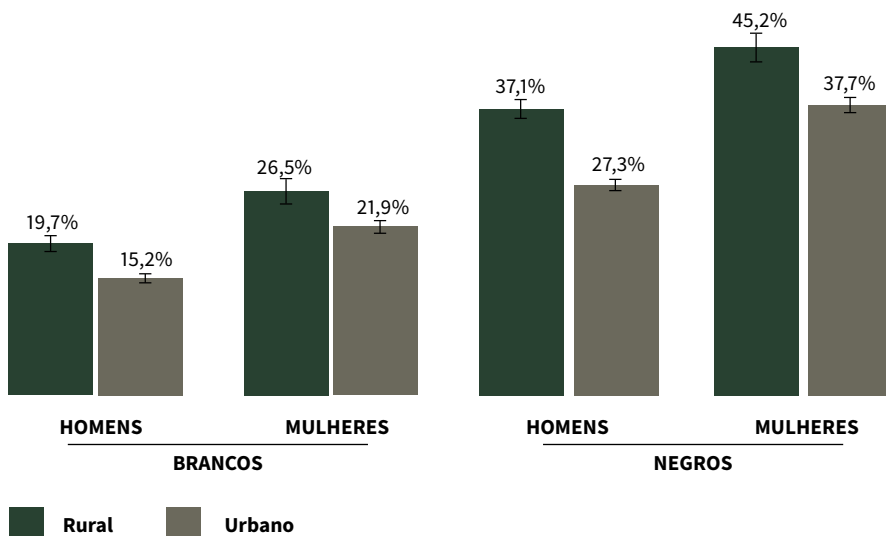


Figura 7. Percentual (%) de domicílios em situação de insegurança alimentar (IA) por sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável e localização, urbana ou rural. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

ANÁLISE POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO/FORÇA DE TRABALHO DA PESSOA RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO

A análise dos dados da Pnad Contínua nos permite seguir afirmando que o acesso a recursos financeiros afeta a realização do Dhana. Conforme ilustrado na figura 8, a IA grave não teve relevância percentual entre os empregadores, mas afetou 7,3% dos domicílios onde a pessoa de referência estava fora da força de trabalho. Na análise conduzida no estudo *Prato do dia: desigualdades*, com dados da POF (2017-2018), foi encontrado algum nível de IA (leve ou moderada ou grave) em 40% dos domicílios onde a pessoa de referência relatou ser empregado, já em 2023 esse percentual foi de 23,7% (a partir de dados da figura 8).

No entanto, ao olharmos esta informação pelas lentes analíticas da interseccionalidade observamos que mesmo diante de uma situação de emprego, a IA era uma realidade para 32,4% dos lares chefiados por mulheres negras,

25,2% daqueles chefiados por homens negros, 19,8% dos domicílios com mulheres brancas como responsável e em 14,5% dos domicílios chefiados por homens brancos (figura 9). Frente a situação de acesso a recurso financeiro para compra de alimentos e outros bens de consumo, observamos uma desigualdade estrutural da IA, a qual afeta mais frequentemente lares chefiados por pessoas negras, principalmente mulheres negras.

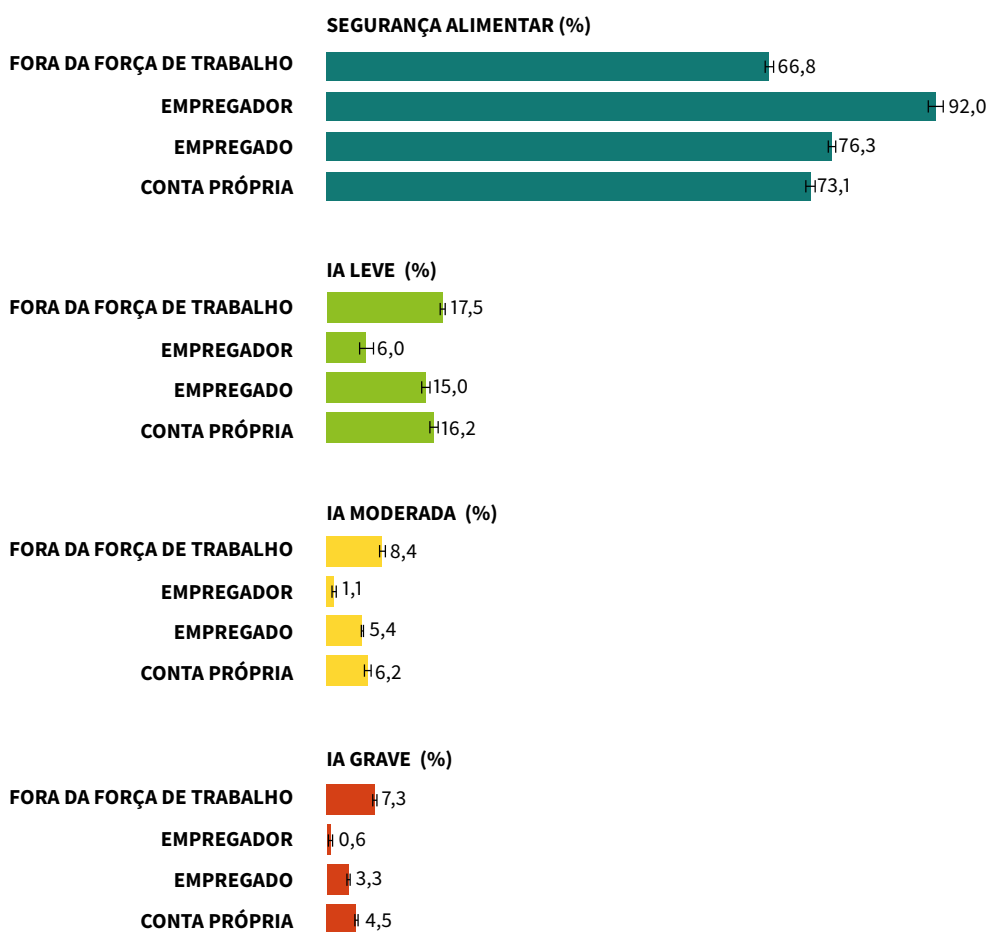


Figura 8. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/ força de trabalho da pessoa responsável pelo domicílio (fora da força de trabalho, empregador/a, empregado/a e conta própria). Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

Na figura 9 exploramos a SA/IA segundo posição na ocupação da pessoa de referência do domicílio, com a inclusão da lente de análise por sexo e raça autodeclarada. Na parte superior da figura são apresentados os dados para homens e, na inferior, para mulheres, sempre com a comparação a partir da autodeclaração da raça em negra ou branca.

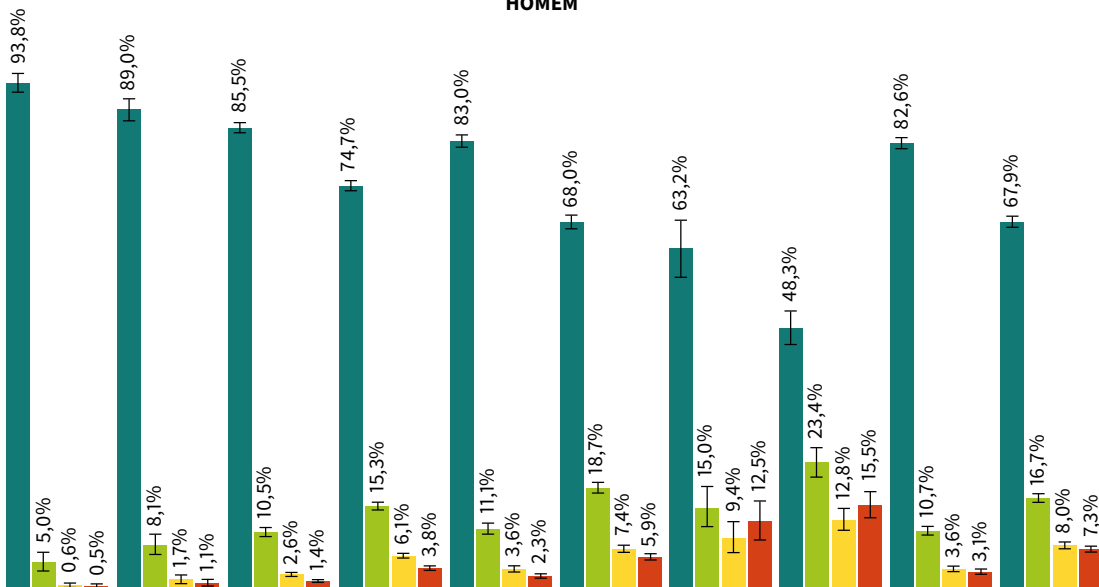
Em todas as posições ocupacionais, domicílios chefiados por pessoas autodeclaradas negras (homens e mulheres) têm menos SA do que aqueles chefiados por pessoas brancas, sendo a diferença na prevalência mais acentuada entre os domicílios cuja pessoa responsável informou a posição de desocupação e estar fora da força de trabalho. **No entanto, domicílios chefiados por mulheres negras (força de trabalho ou desocupadas), foram os mais afetados pela IA, principalmente nas formas mais severas. A inserção no mercado de trabalho formal e o tipo de ocupação indicam uma forte influência na situação alimentar dos domicílios (figura 10).**

As maiores frequências de SA foram observadas entre os domicílios chefiados por indivíduos que informaram ser “empregadores”. Entre estes, os lares chefiados por pessoas autodeclaradas brancas apresentaram frequências de SA um pouco maiores, do que aqueles chefiados por pessoas negras. Uma lista de maior para menor frequência de SA entre este grupo pode ser assim sintetizada: domicílios chefiados por mulheres brancas (95,2%), homens brancos (93,8%), mulheres negras (89,4%) e homens negros (89%) (figura 9).

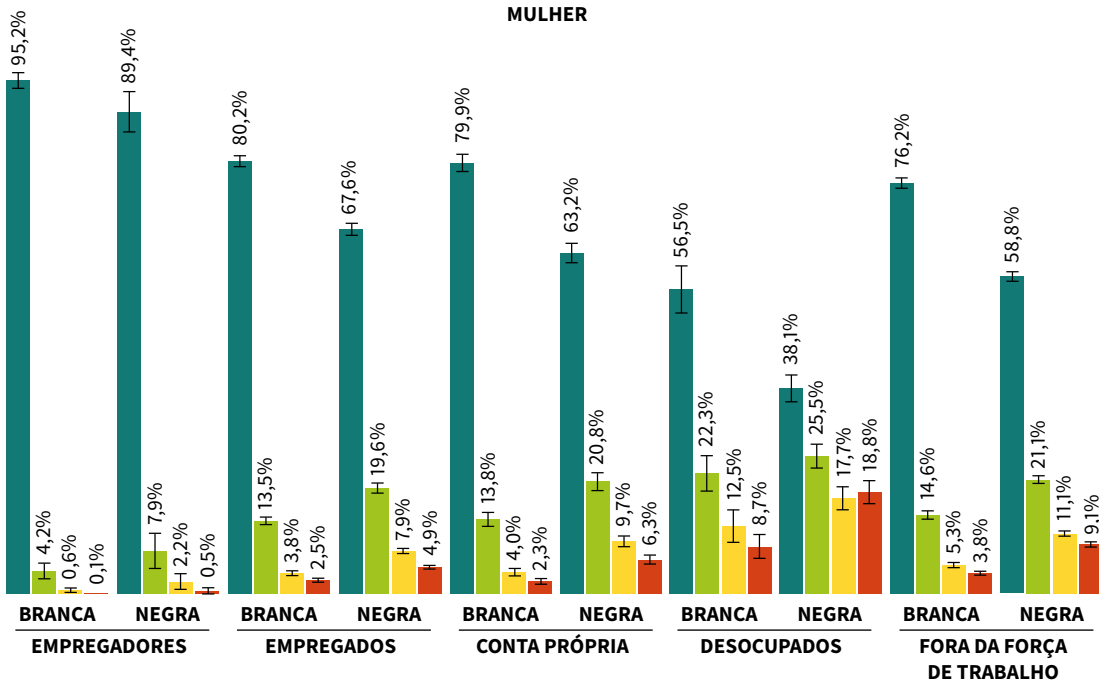
Conforme já assinalado por outros estudos, a situação de desemprego (desocupação) interfere de forma drástica na vivência da IA nos domicílios. A frequência de IA grave, ou seja, fome, chegou a 18,8% entre os lares chefiados por mulheres negras em situação de desocupação, seguido por 15,5% entre domicílios chefiados por homens autodeclarados negros, 12,5% entre aqueles lares chefiados por homens brancos e em 9,1% dos domicílios chefiados por mulheres autodeclaradas brancas (figura 9).

Entre aqueles que informaram a posição na ocupação “trabalho por conta própria”, ou seja, pessoas também identificadas como autônomas, especialmente homens quanto mulheres, autodeclarados negros, os domicílios apresentam maiores frequências de IA. Vale ressaltar que esta posição de trabalho tem menos estabilidade e maior vulnerabilidade alimentar (figura 9).

HOMEM



MULHER



■ Segurança alimentar
 ■ IA leve
 ■ IA moderada
 ■ IA grave

Figura 9. Percentual de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/ força de trabalho (empregador, empregado, conta própria, desocupado ou fora da força de trabalho), sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

A análise dos dados da posição na ocupação/força de trabalho aplicando apenas a informação adicional sexo, reforça a já conhecida informação sobre lares chefiados por mulheres apresentarem piores resultados de SA e maiores de IA do que aqueles cujo responsável é do sexo masculino (apêndice 4, figura A). Bem como encontramos, a partir da análise por raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio, que independente da posição ocupada no trabalho, domicílios chefiados por pessoas autodeclaradas negras apresentam maiores frequências de IA do que aqueles chefiados por pessoas brancas. Bem como estas últimas, ao contrário, vivenciam uma melhor condição de SA (apêndice 5, figura B).

ANÁLISE POR SITUAÇÃO DE TRABALHO DA PESSOA RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO

Complementarmente à análise anterior, neste bloco olhamos a SA/IA a partir do tipo de vínculo de trabalho (formal ou informal), raça (branca e negra) e sexo (homens e mulheres) da pessoa de referência do domicílio. Domicílios chefiados por pessoas em trabalho formal têm maior SA do que aqueles cuja pessoa responsável informou situação de trabalho informal. Já na situação de trabalho informal, a IA apresenta maior frequência, especialmente nas formas moderada e grave (figura 10).

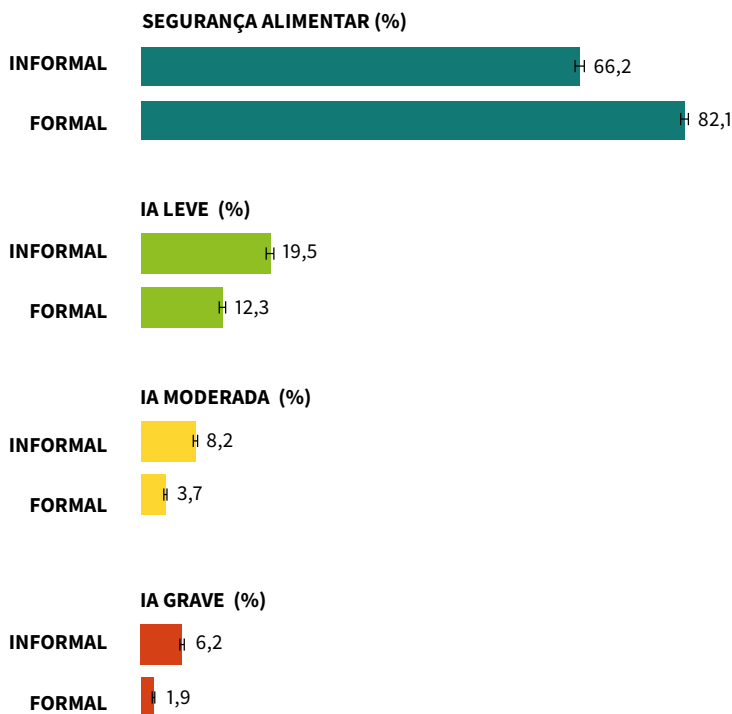


Figura 10. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por situação de trabalho (formal ou informal) da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

Novamente olhando essa informação a partir das lentes de sexo e raça autodeclarada observamos que domicílios chefiados por pessoas em situação de trabalho formal, homens quanto para mulheres e independentemente da raça, apresentam consistentemente maiores frequências de SA do que aqueles cuja pessoa responsável informou situação de informalidade. No entanto, chama atenção que a frequência de SA nos domicílios chefiados por homens autodeclarados negros com trabalho formal é apenas um pouco maior do que a encontrada para domicílios chefiados por mulheres brancas em situação de trabalho informal (figura 11).

A informalidade no trabalho impacta negativamente os domicílios, levando, dentre outras consequências, a maior frequência de IA. Mas aqui também observamos que, a partir da análise por raça da pessoa responsável pelo domicí-

lio, há uma diferença na vulnerabilidade alimentar entre domicílios chefiados por pessoas autodeclaradas brancas e negras. A IA grave, ou seja, a fome foi, nos lares chefiados por pessoas negras, quase o dobro da frequência encontrada entre domicílios chefiados por pessoas brancas. Uma lista de maior para menor frequência de IA grave, entre chefes de família em situação de trabalho informal, por sexo e raça, pode ser assim descrita: domicílios chefiados por mulheres autodeclaradas negras (7,5%), seguido por lares chefiados por homens negros (7,3%), mulheres brancas (4,6%) e homens brancos (3,3%). A frequência da IA grave – ou seja, da fome – entre lares chefiados por mulheres negras em situação de trabalho formal é a mesma da encontrada para domicílios chefiados por homens brancos em situação de trabalho informal (figura 11).

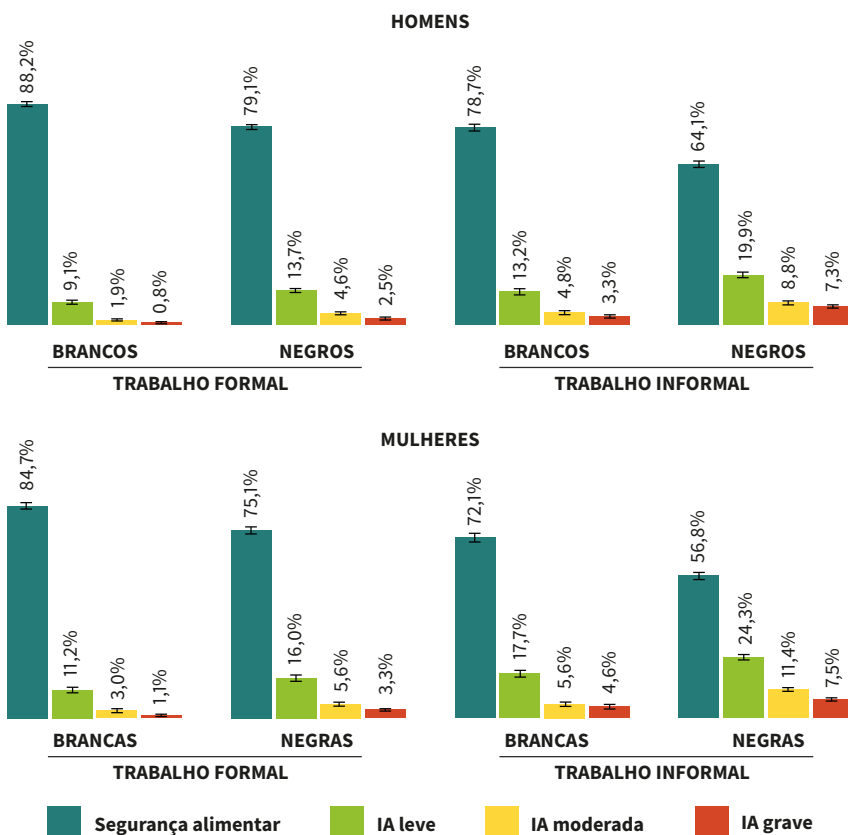


Figura 11. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por situação de trabalho (formal ou informal), sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

Na análise por sexo e situação de trabalho (figura 12) observamos que domicílios chefiados por homens apresentam maiores frequências de SA e menores de IA quando comparado com aqueles chefiados por mulheres, independentemente da situação de trabalho do chefe do domicílio. As maiores frequências de IA, em todas as formas, mas principalmente entre as manifestações mais severas (moderada e grave), mostra que são os lares chefiados por mulheres autodeclaradas negras e em situação de trabalho informal que mais enfrentam essa situação (figura 12).

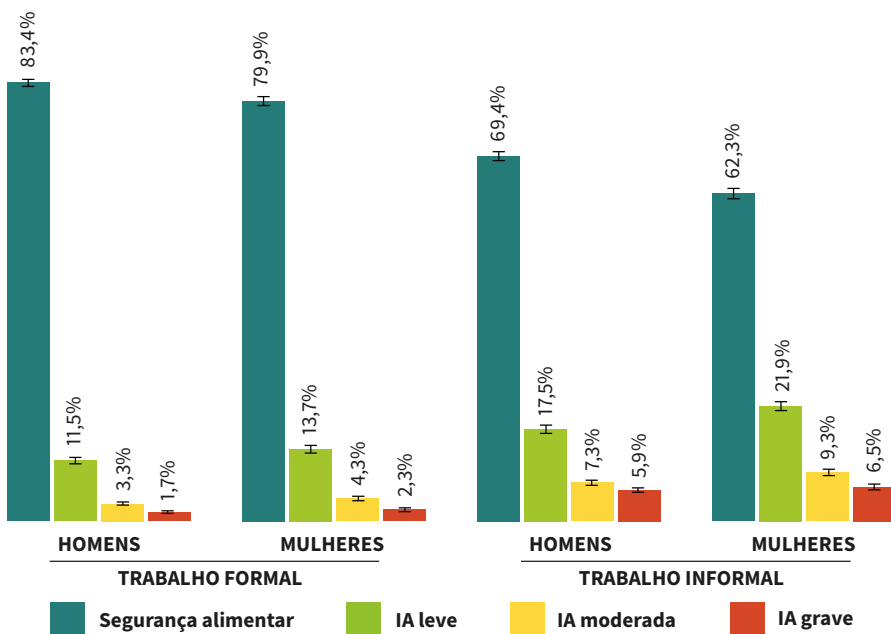


Figura 12. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por situação de trabalho (formal ou informal) e sexo da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

Na análise por raça (figura 13) observamos que também é nos lares chefiados por pessoas em situação de trabalho formal, brancos ou negros, que a SA se faz mais frequente. No entanto, aqui chama atenção que, mesmo diante de uma inserção no mercado de trabalho associada a segurança social, domicí-

lios chefiados por homens negros apresentam frequência de SA muito semelhante à encontrada para lares chefiados por pessoas autodeclaradas brancas (menos de 1 p.p maior) e em situação de trabalho informal.

A IA (todas as formas) estava muito mais presente entre domicílios chefiados por pessoa autodeclarada negra e em situação de trabalho informal (39,3%), sendo este valor 3 vezes maior do que o encontrado para domicílios chefiados por pessoa autodeclarada branca em situação de trabalho formal (IA 13,1%) ou 1,8 vez maior do que a frequência de IA em lares chefiados por pessoa negra também em situação de trabalho formal (IA 22,4%) e 1,6 vez maior do que a frequência encontrada para domicílios chefiados por pessoas brancas também em trabalho informal (IA 24,2%) (figura 13).

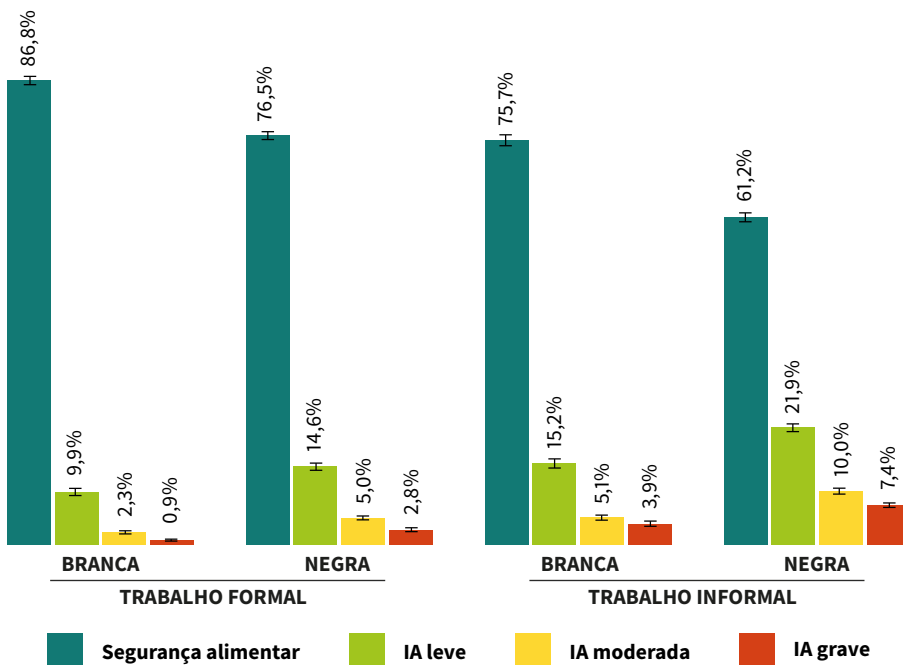


Figura 13. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por situação de trabalho (formal ou informal) e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

ANÁLISE POR RENDA DOMICILIAR MENSAL PER CAPITA

A renda domiciliar *per capita* é, com certeza, um elemento chave para assegurar um regular e permanente acesso aos alimentos, portanto, maior e constante vivência da condição de SA. A tabela 3 reforça essa afirmação a partir da análise dos dados da Pnad Contínua 2023. Há diretamente identificado que quanto maior a renda domiciliar *per capita* maior é a presença da SA e menor da IA.

Tabela 3. Percentual (%) de pessoas em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2023.

	Segurança alimentar	IA leve	IA moderada	IA grave
1	39,5%	23,9%	17,9%	18,7%
2	47,3%	26,2%	15,0%	11,5%
3	56,9%	23,5%	11,5%	8,1%
4	63,5%	22,3%	9,1%	5,1%
5	69,7%	20,4%	6,4%	3,4%
6	75,8%	16,0%	5,0%	3,2%
7	79,8%	14,8%	3,8%	1,7%
8	86,0%	11,0%	2,1%	0,9%
9	90,1%	8,1%	1,2%	0,6%
10	94,5%	4,7%	0,5%	0,2%

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023.

De forma complementar, observamos, a partir dos dados apresentados na figura 14, que a experiência de IA entre pessoas localizadas no primeiro décimo de renda domiciliar *per capita* (grupo que representa os 10% mais pobres) chega a ser 8,2 vezes maior do que a encontrada entre pessoas pertencentes ao décimo 10 de rendimento domiciliar *per capita*, portanto, os 10% mais ricos (figura 14).

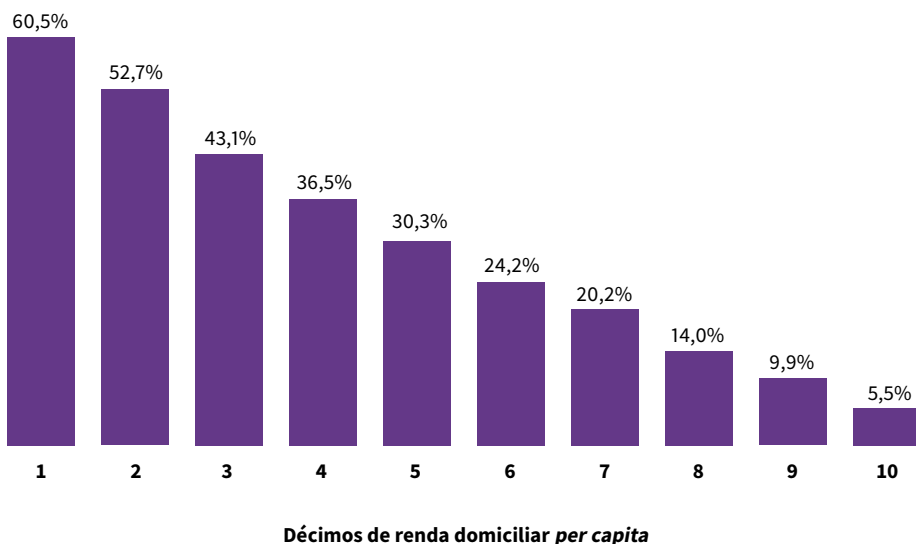


Figura 14. Percentual (%) de pessoas em situação de insegurança alimentar (IA leve + moderada + grave) por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023.

Quando analisamos estes dados a partir da raça autodeclarada dos moradores dos domicílios observamos que a distribuição das pessoas negras é bastante diferente. A maior parte destas encontram-se nos décimos relacionados aos menores rendimentos domiciliares *per capita*. O percentual de pessoas auto-declaradas negras entre o décimo de renda domiciliar 1 e 10 é de 46% no decil 1 e 2,2% no decil 10. Já a variação na percentual de brancos apresenta uma menor amplitude, sendo de 13,74% no decil 1 e de 3,2% no decil 10 (tabela 4).

Tabela 4. Percentual (%) de pessoas em situação de insegurança alimentar (IA leve + moderada + grave) segundo raça autodeclarada e por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2023.

		RAÇA AUTODECLARADA	
		Branca	Negra
DÉCIMO DE RENDA DOMICILIAR PER CAPITA	1	13,7%	46,0%
	2	12,7%	39,3%
	3	11,7%	30,9%
	4	10,8%	25,3%
	5	10,1%	19,9%
	6	8,6%	15,4%
	7	8,1%	11,9%
	8	6,2%	7,7%
	9	4,6%	5,2%
	10	3,2%	2,2%

Fonte: Elaboração própria com base na Phad Contínua 4º trimestre de 2023.

Na tabela 5 estão apresentados dados que descrevem a distribuição das pessoas autodeclaradas negras na população por décimo de renda e o percentual de pessoas negras com experiência de IA em cada décimo de rendimento domiciliar *per capita*. As pessoas autodeclaradas negras são maioria nos décimos de rendimento mais baixos e a minoria nos mais altos. Evidente que isso gera impacto direto na realização do DHAA desse grupo populacional, o qual é também o mais atingido pela IA (seja leve, moderada ou grave).

Tabela 5. Percentual (%) de pessoas autodeclaradas negras por décimo de renda e percentual de negros entre aqueles em situação de insegurança alimentar por décimos de renda. Brasil, 2023.

		% Pessoas autodeclaradas negras	% Pessoas autodeclaradas negras entre aqueles em IA
DÉCIMO DE RENDA DOMICILIAR PER CAPITA	1	72,7%	76,0%
	2	71,4%	74,6%
	3	68,1%	71,7%
	4	65,0%	69,3%
	5	60,7%	65,6%
	6	57,3%	63,5%
	7	52,4%	59,0%
	8	47,6%	55,1%
	9	40,6%	52,5%
	10	28,3%	39,7%

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023.

Na análise por sexo e raça autodeclarada por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*, repete-se a tendência de pessoas negras estarem super-representados entre os mais pobres, ou pessoas com menor rendimento domiciliar *per capita*. A interseccionalidade (raça + sexo) revela que a presença de homens autodeclarados brancos é pequena nos décimos mais baixos de rendimento e aumenta gradualmente até ser mais expressiva entre os 10% mais

ricos. Neste décimo, os homens brancos dominam, seguidos de mulheres brancas, enquanto a presença de pessoas autodeclaradas negras (especialmente mulheres) é mínima. As mulheres negras são quase ausentes nos estratos mais altos de rendimento (tabela 6). A análise específica deste mesmo dado apenas sob a lente do sexo dos moradores é apresentada no apêndice 4.

Tabela 6. Percentual (%) de pessoas em situação de insegurança alimentar (IA leve + moderada + grave) segundo sexo e raça autodeclarada e por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*. Brasil, 2023.

		BRANCOS		NEGROS	
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
DÉCIMO DE RENDA DOMICILIAR PER CAPITA	1	6,3%	7,4%	21,2%	24,8%
	2	6,0%	6,8%	18,6%	20,6%
	3	5,6%	6,2%	14,8%	16,1%
	4	5,2%	5,6%	12,0%	13,3%
	5	4,7%	5,4%	10,0%	9,9%
	6	3,9%	4,7%	7,7%	7,6%
	7	3,9%	4,3%	6,2%	5,7%
	8	3,0%	3,2%	4,0%	3,8%
	9	2,1%	2,5%	2,7%	2,5%
	10	1,5%	1,7%	1,2%	1,0%

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023.

3. SEGURANÇA/ INSEGURANÇA ALIMENTAR POR SEXO, RAÇA AUTODECLARADA E FAIXA ETÁRIA DOS MORADORES DOS DOMICÍLIOS

Neste bloco detalhamos os dados por sexo, raça autodeclarada e faixa etária dos moradores dos domicílios. Iniciamos olhando os resultados da SA/IA por faixa etária dos moradores, sendo aqui também observada a manifestação das desigualdades, com crianças e adolescentes apresentando maior frequência da vivência de IA (e menor de SA) do que as demais faixas etárias. A maior prevalência de SA foi encontrada entre a população idosa, mostrando o quanto o acesso à seguridade social – no caso deste grupo, à aposentadoria – é um mecanismo chave para o alcance de direitos sociais como a alimentação (figura 15).

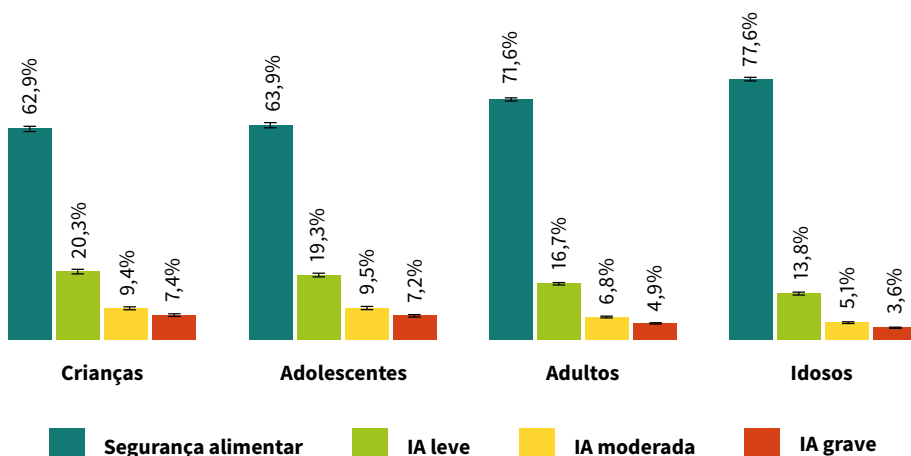


Figura 15. Percentual (%) de crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA – leve, moderada e grave). Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

Ao olharmos este resultado pela lente da análise interseccional por sexo e raça autodeclarada (figura 16) observamos também maior percentual de pessoas em SA entre idosos, porém com diferenças marcantes entre indivíduos autodeclarados brancos ou negros, com mulheres apresentando percentuais levemente menores (veja também figura 17).

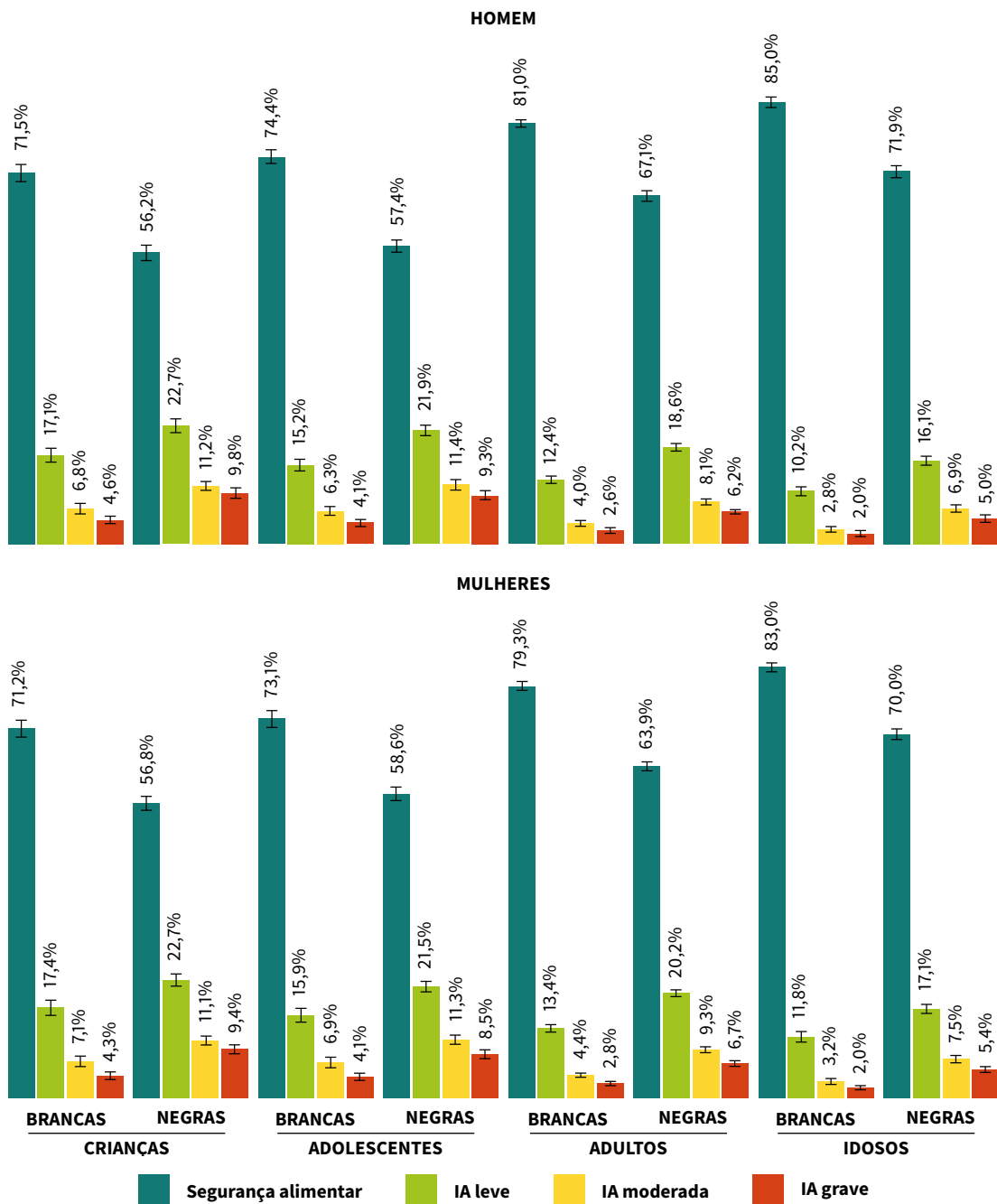


Figura 16. Percentual (%) de crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar – leve, moderada e grave – por sexo e raça autodeclarada. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

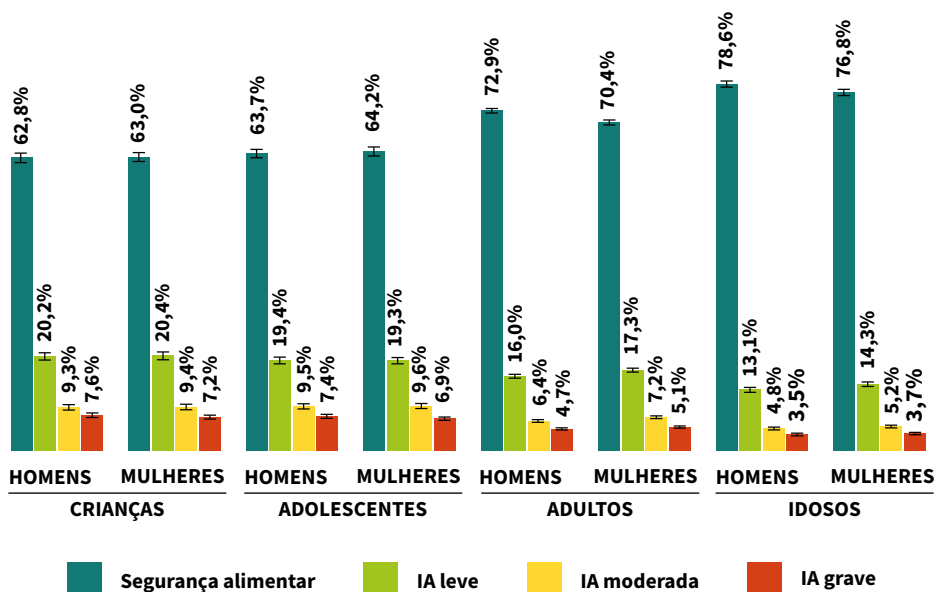


Figura 17. Percentual (%) de crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar – leve, moderada e grave – por sexo. Brasil, 2023

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

No entanto, é na análise pelo recorte racial que observamos percentuais de SA e IA mais díspares. Crianças, adolescentes, adultos e idosos autodeclarados negros enfrentavam de forma mais frequente a IA do que indivíduos da mesma faixa etária autodeclarados brancos (figura 18). De forma contrária, estes últimos apresentaram maior frequência da vivência da SA. Na população adulta, por exemplo, 8 em cada 10 pessoas brancas residiam em lares classificados como em SA, enquanto entre os negros da mesma faixa etária este percentual caiu para 6,5 pessoas a cada 10.

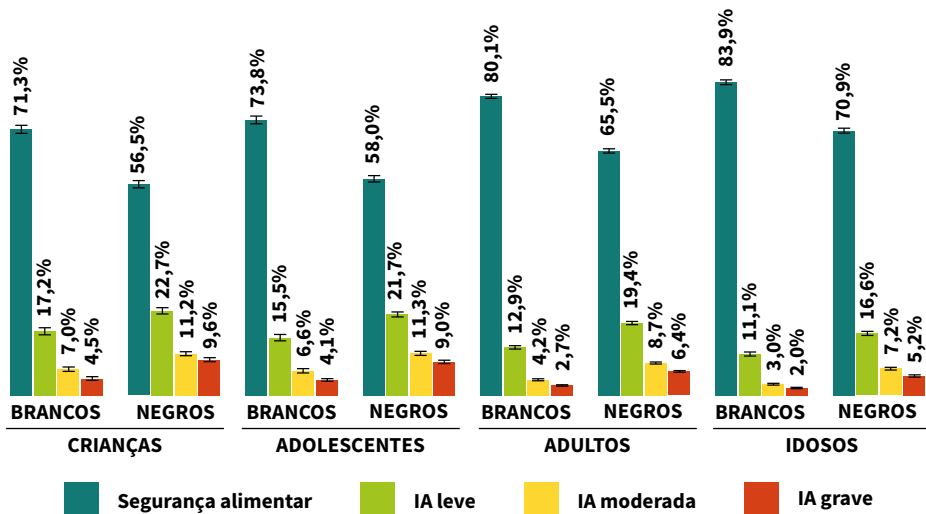
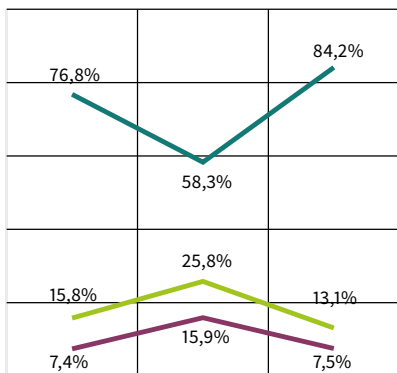


Figura 18. Percentual (%) de crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar – leve, moderada e grave – por raça autodeclarada. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

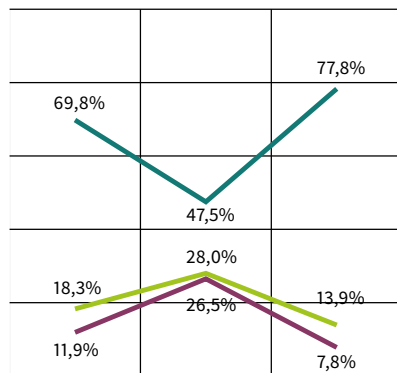
UMA MELHORA CAPTADA E UM ALERTA

Domicílios chefiados por homens brancos



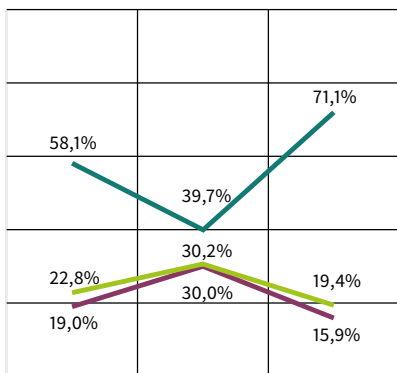
POF 2017/18 II VIGISAN 2021 Pnad Contínua 2023

Domicílios chefiados por mulheres brancas



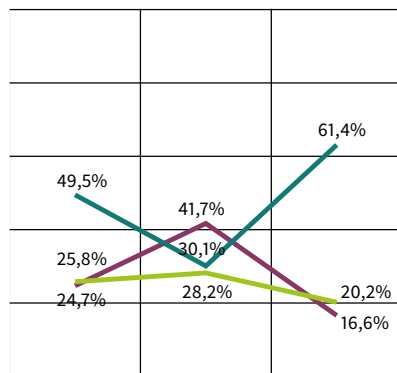
POF 2017/18 II VIGISAN 2021 Pnad Contínua 2023

Domicílios chefiados por homens negros



POF 2017/18 II VIGISAN 2021 Pnad Contínua 2023

Domicílios chefiados por mulheres negras



POF 2017/18 II VIGISAN 2021 Pnad Contínua 2023

■ Segurança alimentar ■ IA leve ■ IA moderada + grave

Os gráficos acima nos permitem identificar o quanto a segurança alimentar (SA) aumentou entre 2021 e 2023 nos domicílios de forma geral, mas especialmente entre aqueles chefiados por mulheres negras.

DOMICÍLIOS CHEFIADOS POR:	VARIAÇÃO DA PREVALÊNCIA DA SA ENTRE 2021-2023 *	EM 2021 A SA ERA UMA CONDIÇÃO PRESENTE EM	EM 2023 A SA FOI UMA CONDIÇÃO PRESENTE EM
Homens brancos	+44,4%	58,3%	84,2%
Homens negros	+79,1%	39,7%	71,1%
Mulheres brancas	+63,8%	47,5%	77,8%
Mulheres negras	+104,0%	30,1%	61,4%

*(% 2023 - % 2021)/2021 x 100

A queda da IA severa também foi mais pronunciada entre lares chefiados por mulheres negras, grupo mais identificado nos estudos anteriores sobre SA/IA como o mais exposto à situação de IA (e a outras condições de injustiça e vulnerabilidade).

Enquanto a SA avançou 31,0 pontos percentuais (p.p.) entre os lares chefiados por mulheres negras, esse avanço foi de 25,9 p.p. entre aqueles chefiados por homens brancos, o que representa uma redução de 5,1 p.p., em dois anos, no fosso que separa esses dois segmentos.

Tais dados constituem um forte indicativo de que as políticas públicas no atual governo alcançaram grupos populacionais em situação de maior vulnerabilidade, incidindo no combate às desigualdades.

Ao mesmo tempo, os níveis de IA e SA em 2023 se assemelham aos de 2013, com a gradação de maior IA entre domicílios chefiados por mulheres negras - homens negros - mulheres brancas - homens brancos. Tal achado, que corrobora outros estudos, mostra a manutenção da dificuldade de ultrapassar a “linha invisível” da desigualdade de raça e sexo.

Mesmo em momentos mais “prósperos” e de “reconstrução” do país, lares chefiados por mulheres negras ou pessoa autodeclarada parda/preta seguem mais afetados pela insegurança no acesso à alimentação, o que é inaceitável e vergonhoso.

A direção antagônica das linhas que conectam os resultados encontrados em pesquisas nacionais conduzidas entre 2017-18 (IBGE, 2020) e 2023 (IBGE, 2024) reforça a relação entre políticas públicas/orçamento e o bem-estar social, e a inclinação de suas subidas e descidas é também medida de como elas impactam concretamente a vida das pessoas em função do grau de vulnerabilidade a que estão expostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retomada da agenda e das políticas públicas voltadas à soberania e segurança alimentar e nutricional (SAN) pode explicar os melhores resultados para a segurança alimentar (SA) encontrados a partir da análise dos dados coletados pela Pnad Contínua (2023), mas desigualdades estruturais ainda existem e persistem. O conjunto das análises apresentadas nos permite afirmar que lares chefiados por mulheres autodeclaradas negras enfrentam estruturas de opressão resultantes da combinação do racismo e sexismo, enquanto domicílios chefiados por homens autodeclarados brancos se beneficiam de privilégios produzidos por essas estruturas.

As heranças acumuladas ao longo da história da escravidão se refletem em desigualdades raciais nas dimensões simbólica e concreta das gerações atuais. Os impactos negativos da colonização e da colonialidade para as populações negras são bastante evidenciados, porém carecemos de esmiuçar os impactos positivos desses fenômenos para as pessoas brancas.

Este é um desafio que a sociedade civil, a ciência e os agentes públicos precisam compreender melhor. Os mecanismos estruturais de manutenção de privilégios conhecidos como o “pacto da branquitude” precisam ser explorados. Sugerimos a condução de estudos complementares com o objetivo de identificar e compreender que mecanismos são esses, como se enraízam nos espaços de poder e como capturam a agenda do fundo público.

É preciso enfrentar o racismo e o sexismo com políticas públicas interseccionais de SAN focalizadas para pessoas negras, especialmente mulheres.

E garantir transformações estruturais para que os avanços conquistados a duras penas resistam à alternância de poder, incluída aí a sempre possível ascensão de governos de desmonte como os que já atravessamos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE-WEISS, Veruska Prado (coord.); COSTA, Rute; MOURÃO, Patrícia. **Prato do dia: desigualdades.** Raça, gênero e classe social nos sistemas alimentares. Brasília: FIAN Brasil, 2023. <https://fianbrasil.org.br/desigualdades>

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, 2002, v. 10, n. 1, p. 171-188. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios:** Segurança Alimentar 2004. 2006. https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnad_seguranca_alimentar.pdf

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios:** Segurança Alimentar 2004/2009. 2010. <http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/pesquisas/documentos/PainelPEI/Publicacoes/S53%20-%20IBGE%20pnad%20alimentar.pdf>

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios:** Segurança Alimentar 2013. 2014. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91984.pdf>

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios:** Segurança Alimentar 2023. 2024. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102084.pdf>

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018: análise da segurança alimentar no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101749.pdf>

KEPPLE, Anne Wallerer; SEGALL-CORRÊA, Ana Maria. Conceituando e medindo a segurança alimentar e nutricional. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2011, v. 16, n. 1, p. 187–199. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000100022>

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Paris, 10 dez. 1948. <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

ONU. **Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais.** Genebra: ONU, 1966. <https://fianbrasil.org.br/pacto-internacional-dos-direitos-economicos-sociais-e-culturais-pidesc>

REDE PENSSAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil: I VIGISAN.** Rio de Janeiro: Rede Penssan, 2021.

REDE PENSSAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil: II VIGISAN.** Relatório final. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert; Rede Penssan, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

APÊNDICE 1

Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e insegurança alimentar (IA) por **sexo** da pessoa responsável. Brasil, 2023.

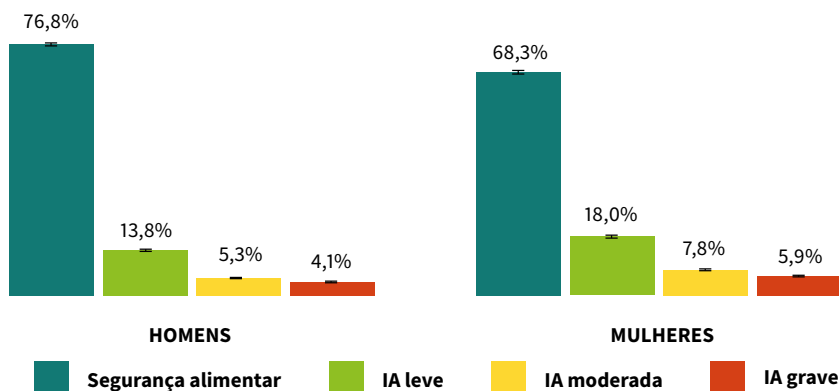


Figura A. Percentual (%) de domicílios em **situação de segurança alimentar (SA)** e **níveis de insegurança alimentar (IA)** por sexo da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

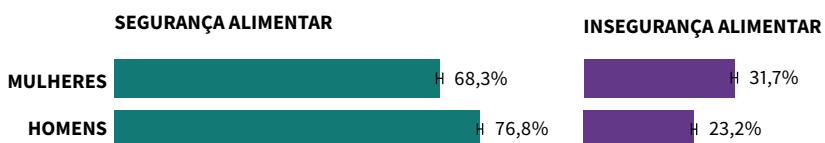


Figura B. Percentual (%) de domicílios em **situação de segurança alimentar (SA)** e **níveis de insegurança alimentar (IA)** por sexo da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

APÊNDICE 2

Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e insegurança alimentar (IA) por **raça** da pessoa responsável. Brasil, 2023.

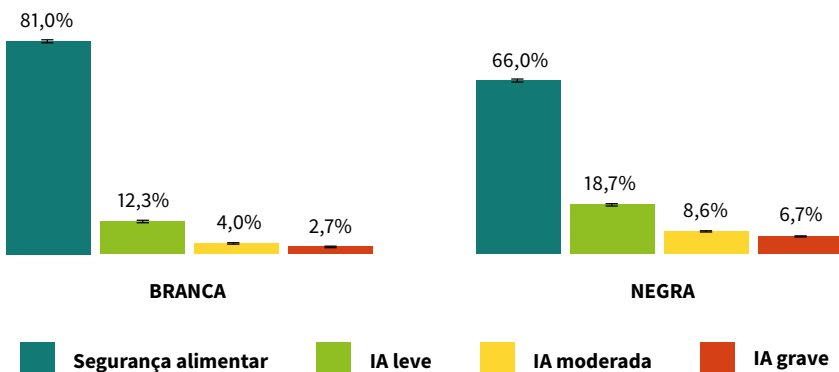


Figura A. Percentual (%) de domicílios em **situação de segurança alimentar (SA)** e **níveis de insegurança alimentar (IA)** por raça autodeclarada da pessoa responsável. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

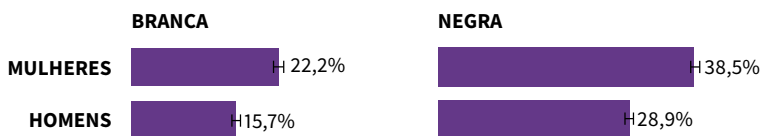


Figura B. Percentual (%) de domicílios **situação de insegurança alimentar (IA)** por raça autodeclarada da pessoa responsável. Brasil, 2023

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

APÊNDICE 3

Análise por região - formas alternativas de apresentar o resultado.

Tabela A. Domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA), segundo macrorregiões, sexo e raça autodeclarada de pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

	HOMENS BRANCOS			
	SA	IA leve	IA moderada	IA grave
Sul	88,9%	7,4%	2,0%	1,7%
Sudeste	85,2%	10,5%	2,8%	1,5%
Centro-Oeste	85,6%	10,2%	2,1%	2,1%
Nordeste	74,6%	13,9%	6,4%	5,1%
Norte	71,5%	18,0%	5,6%	4,9%

	HOMENS NEGROS			
	SA	IA leve	IA moderada	IA grave
Sul	80,1%	12,7%	4,1%	3,1%
Sudeste	76,2%	14,9%	5,0%	3,9%
Centro-Oeste	77,4%	12,8%	5,3%	4,5%
Nordeste	63,7%	19,5%	9,6%	7,1%
Norte	63,0%	18,9%	9,3%	8,8%

	MULHERES BRANCAS			
	SA	IA leve	IA moderada	IA grave
Sul	83,5%	10,9%	3,3%	2,2%
Sudeste	79,3%	13,8%	4,1%	2,8%
Centro-Oeste	76,9%	14,9%	4,9%	3,4%
Nordeste	66,6%	19,2%	8,5%	5,7%
Norte	66,3%	19,7%	7,8%	6,3%

	MULHERES NEGRAS			
	SA	IA leve	IA moderada	IA grave
Sul	72,3%	16,8%	5,7%	5,2%
Sudeste	67,5%	18,9%	7,8%	5,8%
Centro-Oeste	67,8%	18,7%	7,3%	6,1%
Nordeste	54,3%	23,3%	13,1%	9,3%
Norte	53,6%	21,9%	12,5%	11,9%

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

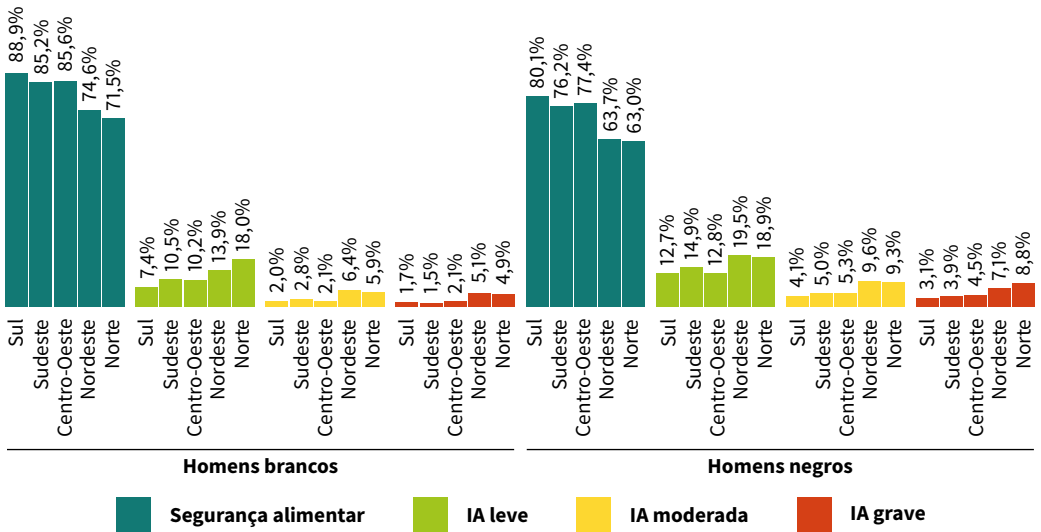


Figura A. Percentual (%) de domicílios em **situação de segurança alimentar (SA)** e **níveis de insegurança alimentar (IA)**, segundo macrorregiões e raça autodeclarada do homem responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

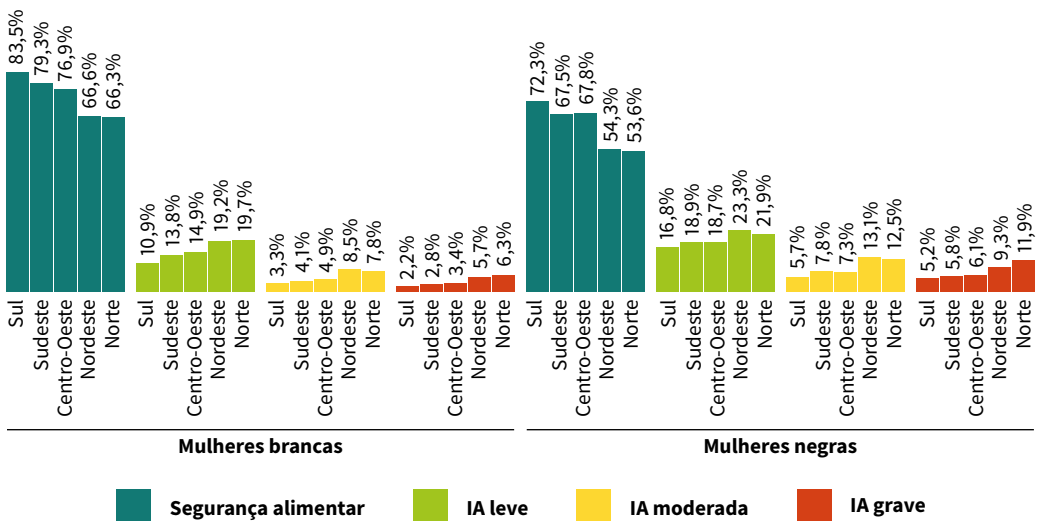


Figura B. Percentual (%) de domicílios em **situação de segurança alimentar (SA)** e **níveis de insegurança alimentar (IA)**, segundo macrorregiões e raça autodeclarada da mulher responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

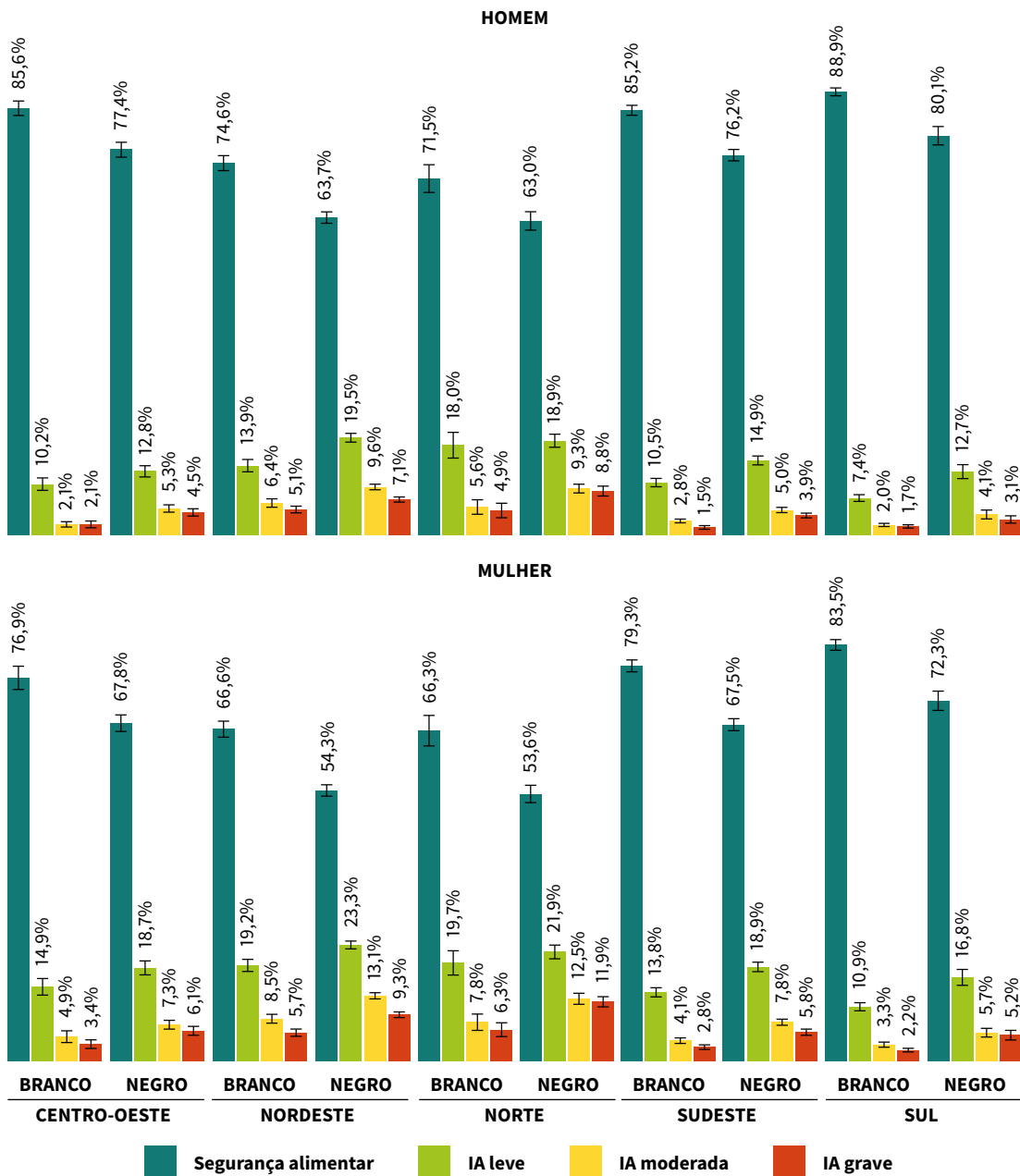


Figura C. Percentual (%) de domicílios em **situação de segurança alimentar (SA)** e **níveis de insegurança alimentar (IA)**, segundo macrorregiões, sexo e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

APÊNDICE 4

Percentual (%) de pessoas segundo sexo em situação de insegurança alimentar (IA leve + moderada + grave) por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*.

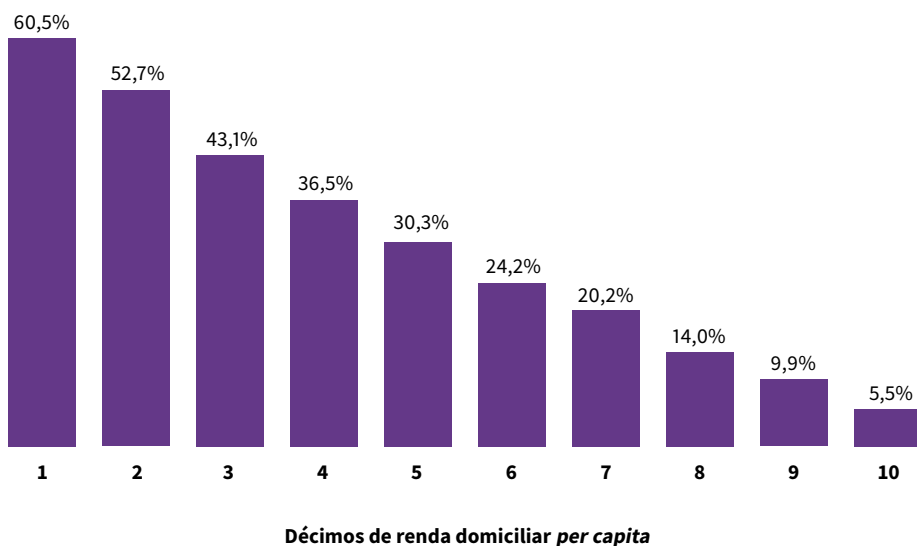


Figura A. Percentual (%) de pessoas segundo sexo em situação de insegurança alimentar (IA leve + moderada + grave) por décimos da distribuição de renda domiciliar *per capita*.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023.

APÊNDICE 5

Análise complementares de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/ força de trabalho (empregador, empregado, conta própria, desocupado ou fora da força de trabalho) separadas por sexo e raça da pessoa responsável pelo domicílio.

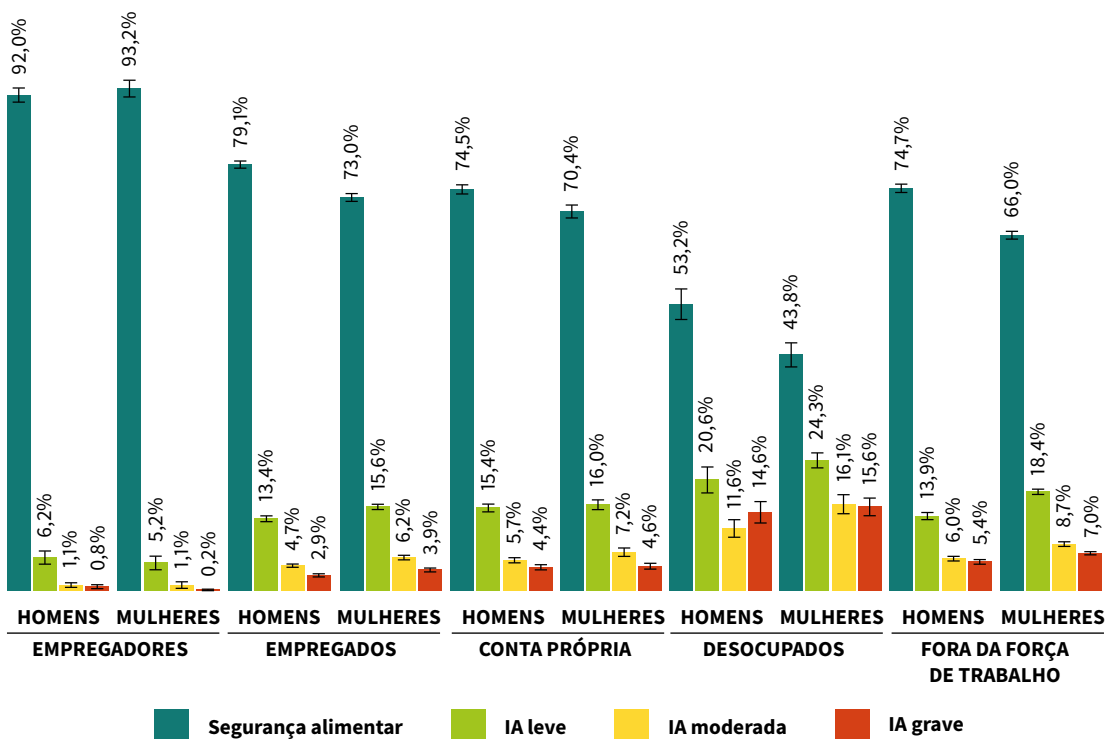


Figura A. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/ força de trabalho (empregador, empregado, conta própria, desocupado ou fora da força de trabalho) e sexo da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

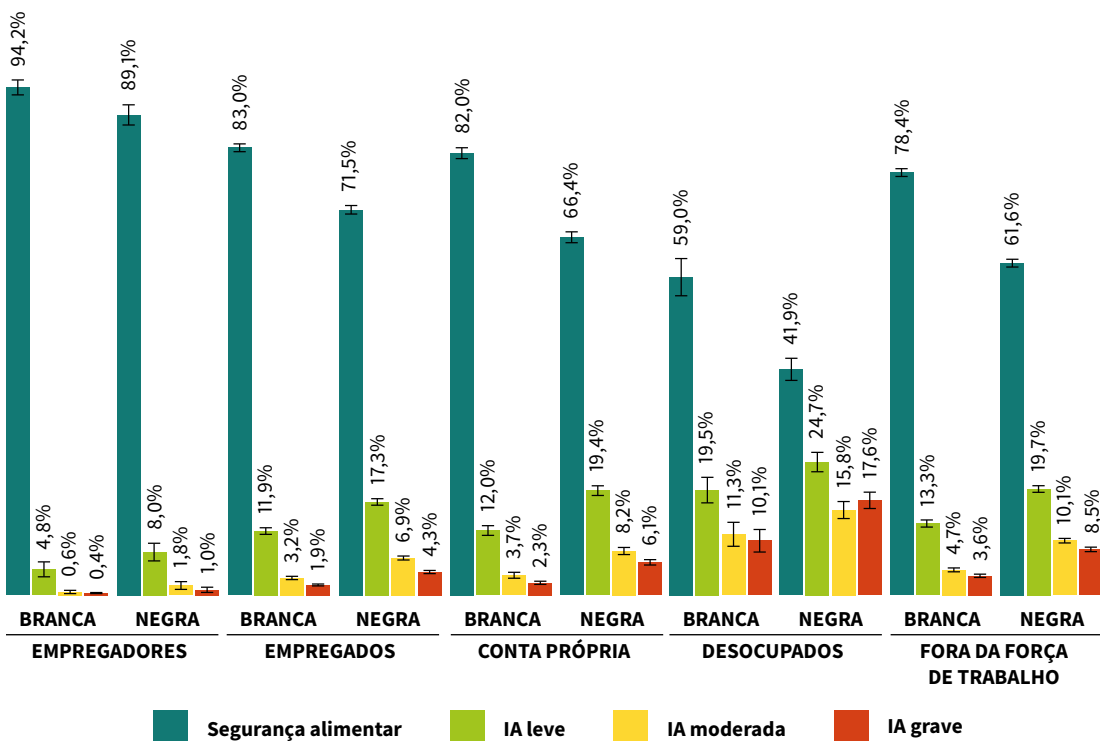


Figura B. Percentual (%) de domicílios em situação de segurança alimentar (SA) e níveis de insegurança alimentar (IA) segundo posição na ocupação/ força de trabalho (empregador, empregado, conta própria, desocupado ou fora da força de trabalho) e raça autodeclarada da pessoa responsável pelo domicílio. Brasil, 2023.

Fonte: Elaboração própria com base na Pnad Contínua 4º trimestre de 2023. Intervalo de confiança a 95%.

Em 2023, nosso estudo *Prato do dia: desigualdades* analisou o cenário da segurança alimentar (SA) e insegurança alimentar (IA) pelas lentes de raça, gênero e classe social. Ao constatar as diferenças nos indicadores entre homens e mulheres e entre pessoas brancas e negras, percebemos o quanto raça e gênero são marcadores que estruturam as condições de IA/SA no país.

A partir da importância de construir memória e de não esquecer os aprendizados positivos ou negativos do passado, apresentamos agora uma análise comparativa entre os índices dos anos de 2017-2018 a 2023, com recorte por raça e sexo.

Além de captar a tendência de melhora geral que logo adiante levaria o Brasil a sair do Mapa da Fome, os números examinados trazem um resultado no que diz respeito às desigualdades: a redução, de 2021 a 2023, em 5,1 pontos percentuais, da distância da condição de SA entre os domicílios chefiados por mulheres negras – o segmento mais exposto à vulnerabilidade nesse e noutros indicadores – e aqueles que têm um homem branco à frente.

Por outro lado, constata-se a existência de “linhas invisíveis”, virtualmente intransponíveis, na repetição da ordem mulheres negras -> homens negros -> mulheres brancas -> homens brancos nos mais diversos recortes. Reflexo da gradação que nossa sociedade atribui aos indivíduos por meio do racismo e do machismo.

Precisamos trazer ao centro do debate as pessoas e grupos que ainda convivem com essa e outras formas de privação para que sejam ouvidas e incluídas nas decisões e soluções necessárias. Este livro busca contribuir com a inadiável tarefa de tornar explícitas as tecnologias de opressão social para efetivar mudanças estruturais que nos levem a uma sociedade justa de verdade.



CONFIRA A PUBLICAÇÃO DIGITAL
www.tinyurl.com/ep8ku2ft